

A stylized portrait of Antonio Gramsci is centered on the cover. The portrait is rendered in a blue, almost stencil-like style. Behind the portrait, a series of orange and blue rays radiate outwards, creating a sunburst effect. The background is a mix of these colors with some darker, textured areas.

gramsci

odeio os indiferentes

escritos de 1917



Para comemorar sua morte - divulgada ao mundo pelas estações de rádio do revolucionário Barcelona (1936-1939) - foi escolhido um texto característico de sua juventude (publicado pela primeira vez em 11 de fevereiro de 1917 e inédito em espanhol) que, entre vários outros, tem a virtude de não ser facilmente sujeito a tratamento pseudo-acadêmico. E é o seguinte: « *Odeio pessoas indiferentes* ». Viver significa tomar partido. Quem realmente vive não pode deixar de ser cidadão e partidário. A indiferença e a abulia são parasitismo, são bonitas, não a vida. É por isso que eu odeio os indiferentes. " *Indiferença é o peso morto da história. A indiferença opera potentemente na história. Opera passivamente, mas opera* ».

É fatalidade; aquilo em que não se pode contar. Impede programas e arruina os planos mais bem concebidos. É a grande questão disruptiva da inteligência. O que acontece, o mal que derruba todos, acontece porque a massa de homens abdica de sua vontade, permite a promulgação de leis, que somente a revolta pode revogar; Ele concorda com o acesso ao poder dos homens, que apenas um motim conseguirá derrubar. A massa a ignora por indiferença; e então parece uma fatalidade que tudo e todo mundo atropela: aquele que consente, o mesmo que discorda, aquele que sabia, o mesmo que quem não sabia, o ativo, o mesmo que o indiferente. Alguns choramingam piedosamente, outros blasfemam obscenamente, mas ninguém ou muito poucos se perguntam: se eu tivesse tentado afirmar minha vontade, o que aconteceu teria acontecido?

"Eu odeio os indiferentes" também por isso: porque irrita o gemido de eternos inocentes.

Responsabilize cada um deles: como eles assumiram a tarefa que a vida colocou e os coloca diariamente, o que fizeram e, principalmente, o que não fizeram. Há o direito de ser inexorável e a obrigação de não desperdiçar misericórdia, de não compartilhar lágrimas com eles. « *Sou partidário, vivo, já sinto na*

consciência daqueles do meu lado o pulso da atividade da futura cidade que os do meu parceiro estão construindo para você. E nela, a cadeia social não pesa alguns; nada do que acontece é por acaso, nem o produto da fatalidade, mas o trabalho inteligente dos cidadãos. Ninguém nele observa da janela o sacrifício e o sangramento de poucos. Eu vivo, sou partidária. Por isso odeio quem não toma partido, odeio pessoas indiferentes ».

" *Eu odeio o indiferente* " é um texto da juventude de Gramsci que faz mais sentido hoje do que nunca. Isso abre uma compilação de artigos e discursos de Gramsci que se tornam testemunhos duradouros e inspiradores da luta contra fenômenos como apatia ou submissão a poderes estabelecidos que restringem a liberdade do cidadão. Nesta antologia, há críticas à intolerância e à arte de fingir na política, respostas contra alguns preconceitos atribuídos à esquerda, como aversão à instituição familiar, proclamações a favor da independência judicial e queixas contra a inação dos governantes.. Textos brilhantes e imperecíveis que mostram a altura intelectual do que foi um dos pensadores mais originais e brilhantes do século xx.

Antonio Gramsci

Odeio os indiferentes

Título original: *Odio gli Indiferenti*

Antonio Gramsci, 1917

NOTA EDITORIAL

I

Os textos que compõem essa seleção vêm da publicação dos escritos de Antonio Gramsci editados por Sergio Caprioglio para Giulio Einaudi Editore. Em particular, da coleção *The Future City. Escritos 1917-1918* (1982). Com duas exceções: os *trabalhadores da Fiat*, que faz parte da coleção *Socialismo e Fascismo*, Einaudi (Turim, 1966), e que aqui é parcialmente recuperada, e o discurso na Câmara de 1925, publicado em *l'Unità*. Os títulos dos textos são da editora, seguidos entre parênteses pelos títulos originais.

Sergio Caprioglio deve o trabalho de atribuição de muitos textos de Gramsci, e especialmente o trabalho de verificação, realizado no *Arquivo Estadual de Turim*, os textos censurados e nessa edição restaurados em sua versão completa. De fato, o governo Salandra havia imposto por decreto em 23 de maio de 1915 (véspera da entrada na guerra) que qualquer publicação estaria sujeita a censura prévia ou que as galés seriam previamente revisadas pela censura. A maioria dos textos publicados na imprensa socialista era frequentemente parcial ou totalmente censurada.

Precisamente para não perder esse valioso trabalho de recuperação, as partes censuradas e encontradas por Caprioglio nas galeras mantidas no Arquivo do Estado foram destacadas entre colchetes, tornando-as imediatamente perceptíveis ao leitor da versão original e completa.. O editor agradece a Sandro Caprioglio a permissão concedida para publicar os textos coletados por seu pai. Também agradecemos a Gianrico

Carofiglio por nos ter informado do artigo *Odeio o Indiferente*, lido por ele na ocasião da manifestação contra a lei sobre escutas telefônicas realizada no Teatro Quirino, em Roma, em 31 de maio de 2010.

Por que hoje?

David Bidussa

II

O começo é desprezo.

"Odeio os indiferentes" são as primeiras palavras que o leitor enfrenta. Mas, então, a inteligência se torna necessária, se você quiser tentar mudar. A inteligência para entender os muitos males da sociedade, que ainda não foram resolvidos hoje: a nulidade da classe política; transfuguismo; a ausência do sentido da instituição parlamentar na consciência pública; o conflito político-judicial; a escola; escândalos; a dimensão abstrata da liberdade na vida política; "respeitabilidade". Inteligência, no entanto, não significa apenas "ser perspicaz", mas também investigar as palavras arrogantes do oponente e forçá-lo, de fato, com inteligência, a se tornar defensivo.

O fragmento do discurso parlamentar, que encerra essa antologia, um texto constantemente interrompido por gritos, prova isso. Um texto em que Gramsci força Mussolini a se tornar defensivo, ainda não formalmente, mas na realidade como Duce, conseguindo manter a palavra e falar por último. A política nunca é apenas força; é também autoridade. E a autoridade dos "impotentes" é chamada inteligência. Mesmo quando você é punido por sua própria inteligência. E própria coragem.

À primeira vista, esses escritos de Gramsci poderiam ser inseridos em "Não gostamos da Itália hoje", para retomar a declaração de aluguel de Giovanni Amendola. Seria banal. Eles são diferenciados pela adesão à política e não pelo

fascínio pela antipolítica, mas também pela determinação de falar de uma realidade concreta, de entender os mecanismos. Não é apenas uma reclamação.

Nesses escritos é o país a pé, como Ruggiero Romano escreveu, sem ser ouvido, em anos mais próximos de nós. Ele fala sobre as pequenas coisas, os comportamentos, os personagens, a comida, a retórica, os tiques que você tem, as palavras que são usadas, os costumes com os quais a vida social é organizada. Uma realidade que requer pesquisa da vida real, não a construção de projeções ideológicas.

Mas vamos permanecer nesse tempo historicamente definido.

Um evento: guerra. Um lugar: Turim. Um tempo: 1917-1918. No meio: Caporetto; greves de pão; a queda do czar na Rússia e depois o ataque ao Palácio de Inverno; a entrada dos Estados Unidos na guerra; a entrada de tropas britânicas em Jerusalém; o fim dos conflitos e a dissolução dos impérios centrais. Nesse meio tempo, o início da última grande epidemia na Europa, a gripe espanhola (somente na Itália houve meio milhão de mortes entre 1918 e 1919). É o século 20, sem dúvida.

Naquele clima, Gramsci era um dos poucos jovens intelectuais mantidos fisicamente incapacitados das trincheiras. Muitos de seus amigos foram convocados; alguns não voltaram. Em Turim, fome, exaustão, fábricas e trabalhadores estão de volta ao centro do palco. Há uma guerra com todas as suas misérias, mas também com todos os problemas que estão começando a aparecer. Precisamos de um olho afiado para vê-los e um olhar intenso para dar sentido a eles. Antonio Gramsci tem os dois.

Vamos reconsiderar os temas desses escritos: *Contra a burocracia*, uma história repetida e extenuante de ineficiência; *Pol inepto íticos*, a crise da classe política; *Capitalismo fora de controle*, o "clipe" de um filme cujas cenas de comédia constituem um padrão estabelecido; *Mulheres, senhores e amores*, uma exposição dos

muitos vícios particulares e virtudes públicas que nos caracterizam.

Para Gramsci, o problema é como traçar uma fuga que, antes de tudo, significa rejeitar a aceitação passiva da realidade. Por esse motivo, Gramsci "escuta" e nunca perde um detalhe. Homens e mulheres não são fantoches. Para pensar em uma resposta que contribua para melhorar sua vida, você deve se encarregar seriamente de sua exaustão diária, além de estar presente quando se trata de explicar uma derrota épica (que é o tema de *The Workers of FIAT*). Exatamente: compare a convicção de que não há mudança e que o dia a dia pode parecer o único mundo possível.

“Em 1918 e 1919, havia apenas uma seção socialista em Turim e era baseada no edifício Alianza Cooperativa. A assembléia foi realizada em uma sala grande e cheia de gente. Gramsci não foi um dos primeiros a chegar. Ao fazer isso, ele passou despercebido entre os presentes, já em plena discussão apaixonada, e foi para o lado de uma porta que dava para a varanda externa. Lá, ele pegava uma cadeira, a apoiava na parede, sentava-se e preparava-se para ouvir as conversas ».

Nesta lembrança de Umberto Terracini, que se assemelha a um 'fragmento de filme', há mais do que um vislumbre de Turim logo após a guerra, embora mais do retrato simpático - e também de suas boas maneiras - tenha sido feito com frequência. de Gramsci. Um olhar em que, especialmente naqueles que o freqüentaram nos últimos anos de Turim, entre a guerra e o período imediato do pós-guerra, prevalece a sensação de ter um assunto brilhante, animado, teimoso, mas "amigo" e, portanto,, suscetíveis de serem protegidos e sobre os quais estender uma rede de proteção em uma espécie de solidariedade na utopia.

Nas lembranças daqueles que tiveram a oportunidade de freqüentá-lo, Antonio Gramsci é descrito como um homem que falava muito e ouvia de bom grado. Um homem com um olhar

atento, um bom sorriso, exigente, categórico, reforçado por uma concepção estóica de vida e moral e dotado de uma forte vocação pedagógica. Uma figura que muitos consideram com respeito, mas que não se torna imediatamente "o chefe". Gramsci, para se tornar um, teve que superar um longo aprendizado político no pós-guerra e sua prisão em novembro de 1926.

A construção da ditadura fascista emerge definitivamente de sua estatura intelectual. A derrota política de seu lado, especialmente o conhecimento de que eles precisam passar por um longo expurgo, força Gramsci a se medir com uma reflexão totalmente voltada para a reformulação de uma plataforma política capaz de responder a novas realidades. Novamente a inteligência retorna.

« Não conhecemos a Itália. Pior ainda, não temos os instrumentos adequados para conhecer a Itália como ela realmente é, por isso somos quase incapazes de fazer previsões, de nos orientar, de estabelecer linhas de ação que têm uma certa probabilidade de estarem corretas ”, ele escreve em novembro de 1923.

Mais uma vez, a impiedosa necessidade de ver a vida real voltar, de se encarregar da exaustão daqueles que perderam. O imperativo ainda é idêntico ao que causou os primeiros movimentos de seu aprendizado: aprofundar-se na realidade, estudá-la sem nunca afrouxar o controle, manter os olhos fixos nos problemas sem se distrair. Mas o fim também é o mesmo: impedir que a nova vida cotidiana apareça como o único mundo possível. Alguém pode dizer que tudo isso não sintetiza nossa condição agora?

Referências

A observação sobre a defesa de Mussolini no discurso proferido em 16 de maio de 1925 é de Renzo de Felice (*Mussolini il fascista*. 1925-1929, Einaudi, Turim, 1968, p. 88). A

frase de Giovanni Amendola encontra-se em *Il Convegno nazionalista, La Voce*, ano II, n. 51, 1º de dezembro de 1910: p. 446. Para Ruggiero Romano, ver, acima de tudo, *Paese Italia*, Donzelli, Roma, 1994. A memória de Umberto Terracini é encontrada em *Gramsci vivo*, por Mimma Paulesu.

Quercioli, Feltrinelli, Milão, 1977, p. 110. A observação de Gramsci sobre estoicismo é de Remo Bodei (*Geometria delle passioni*, Feltrinelli, Milão, 2010, p. 395). O texto de novembro de 1923 é intitulado *Che fare?* e é encontrado em *Per la verità*, Antonio Gramsci, Editori Riuniti, Roma, 1974, pp. 267-270 (a passagem citada está na p.

269)

Em primeiro lugar

Odeio os indiferentes.

[Indiferente]

Inclinado a ser indiferente. Acredito, como Friedrich Hebbel, que "viver significa tomar partido".

Não pode haver aqueles que são apenas *homens*, estranhos à cidade. Quem realmente vive não pode não ser cidadão, não tomar partido. Indiferença é apatia, é parasitismo, é covardia, não é vida. É por isso que eu odeio os indiferentes.

Indiferença é o peso morto da história. É a bola de amor para o inovador, é a matéria inerte na qual os mais brilhantes entusiastas são frequentemente afogados, é o pântano que circunda a cidade velha e a defende melhor do que o muro mais forte, melhor do que o seus guerreiros, que engolem os agressores em seu redemoinho de lama, os dizimam e os intimidam, e às vezes os fazem desistir de qualquer empreendimento heróico.

A indiferença opera fortemente na história. Opera passivamente, mas opera. É a fatalidade, na qual não se pode contar, que altera os programas, que anula os melhores planos elaborados, é a matéria-prima que se rebela contra a inteligência e a estrangula. O que acontece, o mal que derruba a todos, o bem possível que um ato heróico (de valor universal) pode gerar não se deve tanto à iniciativa de poucos que trabalham como à indiferença, absentismo de muitos. O que acontece não acontece tanto porque algumas pessoas querem que isso aconteça, mas porque a massa de homens abdica de sua vontade, deixa que façam, deixa que dêem os nós que então apenas a espada pode cortar, vamos promulgar leis que somente mais tarde a revolta será capaz de revogar, permite que os homens subam ao poder, que somente uma revolta pode derrubar mais tarde.

A fatalidade que parece dominar a história nada mais é do que a aparência ilusória dessa indiferença, desse absentismo. Os fatos amadurecem à sombra, entre poucas mãos, sem nenhum tipo de controle, que tecem o tecido da vida coletiva, e a massa o ignora, porque não se preocupa. Os destinos de uma época são manipulados de acordo com visões estreitas, objetivos imediatos, ambições e paixões pessoais de pequenos grupos ativos, e a massa de homens ignora, porque eles não se importam. Mas os fatos que amadureceram convergem; mas o tecido tecido na sombra se concretiza: e então parece ser a fatalidade que supera tudo e todos, parece que a história nada mais é do que um enorme fenômeno natural, uma erupção, um terremoto, do qual todos são vítimas, quem queria e quem não queria, quem sabia e quem não sabia, quem era ativo e quem era indiferente. E o último está irritado, ele gostaria de escapar das consequências, gostaria de deixar claro que não queria, que não era responsável. Algum gemido de compaixão, outros xingam obscenamente, mas ninguém ou muito poucos perguntam: se eu tivesse cumprido meu dever, se ele tivesse tentado afirmar minha vontade, minhas idéias, teria acontecido o que aconteceu? Mas

ninguém ou muito poucos culpam sua própria indiferença, seu ceticismo, por não terem oferecido suas mãos e suas atividades a grupos de cidadãos que, precisamente para evitar esse mal, lutaram, propondo buscar o bem.

A maioria deles, no entanto, após os eventos, prefere falar sobre o fracasso dos ideais, programas definitivamente arruinados e outras sutilezas semelhantes. Assim, eles começam a rejeitar qualquer responsabilidade. E não é que eles não vejam mais as coisas com clareza e que, às vezes, não consigam pensar em soluções bonitas para os problemas mais urgentes ou que, embora exijam grande preparação e tempo, sejam igualmente urgentes. Mas essas soluções são lindamente inférteis, e essa contribuição para a vida coletiva não é motivada por nenhuma luz moral; é o produto da curiosidade intelectual, não um forte senso de responsabilidade histórica que quer todos ativos na vida, que não admite agnosticismo e indiferença de qualquer tipo.

Também odeio os indiferentes, porque o gemido de eternos inocentes me incomoda. Eu confio em cada um deles para explicar como desempenharam o papel que a vida deu e lhes dá todos os dias, pelo que fizeram e, sobretudo, pelo que não fizeram. E sinto que posso ser inexorável, que não preciso desperdiçar minha compaixão, que não tenho que compartilhar minhas lágrimas com eles. Sou partidário, vivo, sinto-me na consciência viril de mim mesma, superando a atividade da futura cidade que eles estão construindo. E nela a cadeia social não pesa sobre algumas, e nela nada acontece devido ao acaso, à fatalidade, mas ao trabalho inteligente dos cidadãos. Nele, ninguém olha pela janela enquanto alguns se sacrificam, sangrando até a morte no sacrifício; e quem ainda está na janela hoje, à espreita, quer tirar proveito do pouco de bem que as atividades de poucos buscam, e ele alivia sua decepção ao vituperar o sacrifício, o sangramento, porque falhou em sua tentativa.

Eu vivo, sou partidária. É por isso que odeio aqueles que não tomam partido, é por isso que odeio os indiferentes.

11 de fevereiro de 1917

Políticos ineptos

[Uma verdade que parece um

paradoxo]

A atividade científica é uma questão que envolve um esforço fantástico; quem é incapaz de construir hipóteses nunca será um cientista. Também na atividade política há uma grande parte da imaginação; mas na atividade política, a hipótese não é de fatos inertes, de matéria opaca à vida; A imaginação na política tem como elementos homens, sociedade dos homens, dores, afetos, as necessidades da vida dos homens. Se um cientista está errado em sua hipótese, não é tão sério, afinal: uma certa quantidade de riqueza é perdida, *das coisas*: uma solução corre, um balão explode. Se o homem político está errado em sua hipótese, é a vida dos homens que está em perigo, é a fome, é a rebelião, é a revolução, para não morrer de fome. Na vida política, a atividade da imaginação deve ser iluminada por uma força moral: simpatia humana; e é ofuscado pelo diletantismo, assim como entre os cientistas. O diletantismo que, neste caso, é falta de profundidade espiritual, falta de sensibilidade, falta de simpatia humana. Porque se as necessidades dos homens de uma cidade, de uma região ou de uma nação são adequadamente medidas, é necessário sentir essas necessidades; é necessário ser capaz de representar concretamente esses homens em sua imaginação enquanto vivem, enquanto trabalham diariamente, para representar seus sofrimentos, suas dores, as dores da vida que são forçados a viver. Sem o poder de dramatizar a vida, não se pode intuir as medidas gerais e particulares que harmonizam as necessidades da vida com a disponibilidade do Estado. Se uma ação ocorre na vida, você precisa saber como prever a reação que ela provocará, as repercussões que ela terá. Um homem político é excelente na medida de seu poder preditivo: um partido

político é forte na medida do número de homens com essa força disponível.

Na Itália, os partidos governantes não podem ter nenhum desses nomes: ninguém que seja grande, ninguém que seja pelo menos medíocre. Um dos personagens italianos, e talvez o mais maléfico para a eficiência da vida pública em nosso país, é o definido pela falta de imaginação dramática. Parece uma afirmação ardentemente paradoxal e é de fato uma observação profundamente realista. Cada medida é uma amostra da realidade, é uma previsão implícita. Fazer medições é tanto mais útil quanto mais próximo você se aproxima da realidade. E para que isso aconteça, é necessário que o trabalho preparatório esteja completo, que nenhuma hipótese tenha sido negligenciada no trabalho preparatório, e do número infinito de hipóteses possíveis, aquelas que não resistem ao teste de representação dramática foram descartadas. Portanto, as autoridades italianas, o governo, as autoridades provinciais, os cidadãos, até o momento não adotaram medidas que se atrasaram, não promoveram uma medida que não precisou ser modificada para ser mais cedo ou mais tarde. anulado, porque em vez de fornecer, o que ele fez foi intensificar o desconforto. Eles não conseguiram harmonizar a realidade, porque foram incapazes de harmonizar antes, em pensamento, dos elementos da própria realidade. Eles ignoram a realidade, ignoram a Itália que é composta por homens que vivem, trabalham, sofrem, morrem. Eles são diletantes: não têm simpatia pelos homens. Eles são retóricos cheios de sentimentalismo, não homens que se sentem concretamente. Eles os forçam a sofrer desnecessariamente, ao mesmo tempo em que são ridicularizados antes de hinos alados à virtude, à força do sacrifício do cidadão italiano.

A multidão é ignorada pelos homens no governo, pelos burocratas das províncias e das cidades. A multidão como composta de indivíduos, não como povo, ídolo das democracias. Eles amam o ídolo, eles fazem o indivíduo sofrer. Eles são cruéis porque sua imaginação não imagina a dor que a crueldade acaba despertando. Eles não sabem imaginar a dor dos outros, por isso são desnecessariamente

cruéis. Eles realizaram a primeira ação, a guerra. Eles não previram a importância, a profundidade dos efeitos imediatos e distantes. Eles sabiam que a Itália não produz o suficiente para sua subsistência. Eles não previram que um dia estaria faltando, além das lentilhas, o pão. Quando eles perceberam, era tarde demais; não importa: eles ainda poderiam fornecer, eles poderiam ter distribuído o sofrimento equitativamente. Eles não sentiram a dor: criaram o caos, permitiram que os mais fortes se aproveitassem economicamente, deixaram o pouco que havia desperdiçado. Eles impuseram que o pão fosse assim e assim; Assim que o decreto foi publicado, as vítimas perceberam que estava errado, por que os autores não perceberam? Por que essas vítimas não foram representadas no pensamento? Por que eles não perceberam que haveria vítimas? Pregam contra os ricos que jogam fora as migalhas: não sentem que todo esse desperdício esteja sofrendo pelos pobres; Eles limitam as horas de uso do gás: não se preocupam com o fato de que apenas duas horas de gás significam não poder preparar alimentos para quem trabalha, para quem precisa comer para trabalhar e trabalhar para comer, enquanto duas horas o amanhecer é grande e, portanto, inútil. [...] ^[1] porque o milho não chega apesar de estar lá, porque apesar de ter ingresso não dá para comprar comida porque não tem troco, porque as padarias estão fechadas devido ao toque de recolher, porque a criança não quer beber medicamento, que não pode ser usado porque não há açúcar, enquanto os fabricantes de vermute continuam trabalhando. Eles não sabem como harmonizar a realidade irritante com a possibilidade de que haja menos aborrecimentos para todos. Não pense que onde há comida para cinquenta, eles podem viver cem, se for o caso.

Eles levantam as necessidades: [...]. ^[2]

3 de abril de 1917

Presença é um direito, não um presente

[Hospitalidade]

A Itália é o país tradicional de hospitalidade. Todos os italianos têm corações maiores que a catedral. Eles choram e são movidos pelos espetáculos piedosos, não rejeitam o símbolo de uma "boa palavra" por qualquer miséria. Mas o espírito evangélico não conseguiu se transformar na forma moderna de solidariedade e organização altruísta e civil. Foi mantido como pura externalidade, coreografia inútil e chata. Instituições de solidariedade social, alimentadas com o dinheiro dos contribuintes, que nada mais são que feudos clericais. Os hospitais, que devem ser a forma concreta e orgânica da piedade coletiva, ficam à mercê de pessoas irresponsáveis, que com seu espírito partidário e intolerante tentam esmagar os fins simplesmente humanos da instituição de que são responsáveis.

Recebemos cartas comoventes, escritas por pacientes que, ao irem para um hospital, acreditavam que encontrariam descanso e tranquilidade. Forçados pela doença a deixar o trabalho, conscientes do perigo que eles podem representar para a saúde pública, eles acreditam que o hospital é realmente o lar dos doentes, que no hospital não é pedido ao paciente que esqueça sua atividade passada como cidadão, que nele apenas o paciente que precisa de ajuda coletiva é visto. Eles acreditavam que os médicos eram apenas sanitaristas desinteressados, cumprindo seus deveres profissionais, como haviam prometido aos seus pagadores. Que as enfermeiras são mulheres que, em cumprimento de seu dever, esquecem o vestido que vestem para exercer a profissão que escolheram livremente. Em vez disso... A doença é a última preocupação de médicos e enfermeiros. É *curado* profundamente do que o corpo. Idéias antes do físico. O paciente não entra em um hospital, ele entra em um convento. Chantagem é tentada. O paciente não pode ler os jornais de que as crianças gostam.

"Superior". Esgotado o sistema nervoso, ele é exposto a inúmeras insinuações, de pequenas reprovações, que amarguram os longos dias de inatividade. Certas doenças consomem carne e sangue, mas dão ao cérebro uma lucidez fantástica e doentia. O paciente adquire uma sensibilidade espasmódica. Ele sofre todas as torturas de sua miséria. E a equipe passa por ele, fria, rígida, fazendo sua

miséria parecer ainda maior. Não há necessidade de reclamar, não há necessidade de perguntar nada. A assistência, que é um direito, torna-se um presente, um trabalho humilhante de caridade, que pode e não pode ser feito. E ninguém verifica e ninguém obriga os funcionários a cumprir seu dever, pelo menos com o dever burocrático, mesmo que não o desejem com cortesia e humanidade. E o dinheiro que os contribuintes gastam em saúde pública pelo senso de dever de solidariedade com os necessitados é perdido em uma atividade maliciosa, perseguindo indivíduos e idéias. E nenhum órgão responsável oferece controle, nem decide libertar certas entidades de pessoas indignas que não têm senso de responsabilidade, e não hesita em expulsar aqueles em necessidade que não cometeram erros, exceto ter idéias, exceto tendo dado sua atividade à organização proletária.

Mas a coreografia permanece. O hospital é o organismo específico de hospitalidade para os doentes, mas ainda não se tornou uma instituição democrática, para fins que são apenas seus. É uma hospitalidade inútil, que corresponde à lágrima, à exclamação piedosa, e não tem caráter de continuidade, de solidariedade civil.

7 de janeiro de 1918

Os trabalhadores da

FIAT [homens de carne e osso]

Os trabalhadores da FIAT voltaram ao trabalho. Traição? Eles negam ideais revolucionários? Os trabalhadores da FIAT são homens de carne e osso. Eles aguentaram por um mês. Eles sabiam que estavam lutando e resistindo não apenas por si mesmos, não apenas pela massa remanescente dos trabalhadores de Turim, mas por toda a classe trabalhadora italiana.

Eles aguentaram por um mês. Eles estavam exaustos fisicamente porque, por muitas semanas e muitos meses, seus salários foram reduzidos e não eram mais suficientes para sustentar a família, mas ainda assim permaneceram por um mês. Eles estavam completamente isolados da nação, imersos

em uma atmosfera geral de exaustão, indiferença e hostilidade, mas ainda resistiram por um mês.

Eles sabiam que não podiam esperar a ajuda dos gunga no exterior: sabiam que agora a classe trabalhadora italiana cortara os tendões, sabiam que estavam condenados à derrota, mas ainda resistiram por um mês. Não há vergonha em derrotar os trabalhadores da FIAT. Você não pode pedir a uma massa de homens que são atacados pelas mais severas necessidades da existência, que são responsáveis pela existência de uma população de 40.000 pessoas, você não pode pedir mais do que o que esses camaradas que deram de volta ao trabalho, com tristeza, com o coração partido, consciente da impossibilidade imediata de resistir mais ou reagir.

Acima de tudo, nós comunistas, que vivemos lado a lado com os trabalhadores, que conhecem as necessidades, que têm uma visão realista da situação, devemos entender o motivo dessa conclusão da luta de Turim.

Por muitos anos, a massa luta, há muitos anos se esgota em pequenas ações, desperdiçando seus recursos e energia. Essa tem sido a censura que, desde maio de 1919, nós, da *Ordine Nuovo*, comunicamos constantemente às centrais do movimento trabalhista e socialista: não abusar demais da resistência e da virtude sacrificial do proletariado; São homens comuns, homens reais, sujeitos às mesmas fraquezas comuns de todos os homens comuns que podem ser vistos nas ruas, bebendo em tabernas, falando em grupos nas praças, famintos e com frio, comovidos. ouvindo seus filhos chorando e ouvindo suas mulheres reclamar amargamente.

Nosso otimismo revolucionário sempre se baseou nessa visão grosseiramente pessimista da realidade humana com a qual devemos inexoravelmente ser responsabilizados. [...] Há um ano, previmos que o resultado seria fatal para a situação italiana, se os líderes responsáveis continuassem com suas táticas revolucionárias de canto e práticas oportunistas. E lutamos desesperadamente para dar a esses líderes uma visão mais real, uma prática mais apropriada e apropriada para o curso dos eventos.

Hoje sofremos as conseqüências, também nós, da inaptidão e cegueira dos outros; Hoje também o proletariado de Turim tem de suportar o ataque do adversário, fortalecido pela não resistência dos outros. Não há vergonha na rendição dos trabalhadores da FIAT. O que deveria ter acontecido aconteceu implacavelmente. A classe trabalhadora italiana foi esmagada pelo rolo compressor da reação capitalista. Por quanto tempo? Nada se perde se a consciência e a fé permanecem intactas, se os corpos se rendem, mas não as almas.

Os trabalhadores da FIAT lutam vigorosamente há anos e anos, banham as ruas com sangue, sofrem de fome e frio; por esse passado glorioso, eles permanecem na vanguarda do proletariado italiano, permanecem soldados leais e dedicados da revolução. Eles fizeram muito em benefício dos outros. Tiremos o chapéu diante de sua humilhação, porque há algo maior nela que é imposto aos sinceros e honestos.

Política e políticos

Idéias para o futuro [Margens]

1.

E

O esforço feito para conquistar uma verdade faz com que a verdade pareça um pouco própria, ainda que nada realmente apropriado tenha sido acrescentado em sua nova enunciação, nem mesmo uma leve coloração pessoal tenha sido dada. É por isso que os outros são frequentemente plagiados inconscientemente, e alguém fica desapontado com a frieza com que aceita declarações que consideravam capazes de sacudir, de

entusiasmo. Meu amigo, nos repetimos desconsolados, o seu foi o ovo de Colombo. Bem, não me importa que eu tenha sido o descobridor do ovo de Colombo. Prefiro repetir uma verdade já conhecida a encerrar minha inteligência para criar paradoxos brilhantes, trocadilhos engenhosos e acrobacias verbais que nos fazem sorrir, mas não pensar.

O jardineiro mais comum é sempre a sopa mais nutritiva e apetitosa, precisamente porque é preparada com as leguminosas mais comuns. Gosto de ver como é engolido em grandes colheres de sopa por homens fortes e ricos em sucos gástricos que carregam a força de sua vontade e seus músculos no futuro. A verdade mais banal nunca foi repetida o suficiente para torná-la uma máxima e um estímulo para a ação de todos os homens.

2)

Ao discutir com um oponente, tente se colocar no lugar dele. Você entenderá melhor e talvez acabe dando um pouco, ou muito, de razão. Eu segui este conselho de homens sábios por algum tempo. Mas os sapatos dos meus oponentes eram tão apertados que concluí: às vezes é melhor ser injusto do que experimentar novamente esse desgosto que me faz desmaiar.

3)

A deserção do socialismo de muitos dos chamados intelectuais (a propósito: intelectual sempre significa inteligente?) Tornou-se para os tolos a melhor evidência de pobreza moral da nossa ideia. O fato é que fenômenos semelhantes ocorreram e ocorrem com positivismo, nacionalismo, futurismo e todos os outros ismos. Eles são os que causam as crises, os indivíduos de pequenas almas sempre em busca de uma âncora, que pulam na primeira idéia que aparece com a aparência de poder se tornar um ideal e se alimentam dele durante o esforço que investem.

em apreendê-lo. Quando eles alcançam o fim do esforço e percebem (mas esse é o efeito da pouca profundidade espiritual, da pouca ingenuidade, afinal) que essa ideia não é suficiente para tudo, que existem problemas cuja solução (se houver)) está fora dessa ideologia (mas talvez esteja ligada a ela em um plano superior), eles se lançam sobre outra coisa que é uma verdade, que ainda representa um desconhecido e, portanto, apresenta probabilidades de novas satisfações. Os homens sempre buscam fora de si a razão de suas próprias falhas espirituais; eles não querem se convencer de que a causa é sempre e apenas sua pequena alma, sua falta de caráter e inteligência. Existem as diletas da fé, bem como as do conhecimento.

Isso nas melhores hipóteses. Para muitos, a crise de consciência nada mais é do que uma conta vencida ou o desejo de abrir uma conta corrente.

4)

Diz-se que o pior socialismo da Europa se encontra na Itália.

Eu gostaria que fosse assim: a Itália teria o socialismo que merece.

5)

O progresso nada mais é do que a participação de um número crescente de indivíduos em um bem. O egoísmo é o coletivismo dos apetites e necessidades de um indivíduo: o coletivismo é o egoísmo de todos os proletários do mundo. Os proletários não são verdadeiros altruístas no sentido que os humanitaristas míopes deram a essa palavra. Mas o egoísmo do proletariado é enobrecido pela consciência de que o proletariado possui de não ser capaz de satisfazê-lo totalmente sem ser satisfeito ao mesmo tempo por todos os outros indivíduos da mesma classe. E assim o egoísmo proletário cria imediatamente solidariedade de classe.

Já foi dito que o socialismo morreu no exato momento em que a futura sociedade que os socialistas alegavam estar criando mostrou ser apenas um bom mito para a multidão. Eu também acredito que o mito se dissolveu em nada. No entanto, sua dissolução foi necessária. O mito foi formado quando a superstição científica ainda estava viva, quando havia fé cega em tudo o que era acompanhado pelo atributo *científico*. A conquista dessa sociedade modelo foi um postulado de positivismo filosófico, de filosofia *científica*. Mas essa concepção não era científica, era apenas mecânica, árida mecânica. Sua memória se desvaneceu no reformismo teórico (mas também o "Social Criticism" de Claudio Treves não é mais chamado assim: *Journal of Scientific Socialism*), um brinquedo do fatalismo positivista cujos determinantes são as energias sociais abstraídas pelo homem e pela vontade., incompreensível e absurdo: uma forma de misticismo árido, sem paixão ou dor. Essa era uma visão livresca, uma visão de papel, da vida: a unidade é vista, o efeito, o múltiplo não, o homem cuja unidade é a síntese. A vida é para eles como uma avalanche que é observada à distância, em sua queda irresistível. Posso impedi-la?, pergunta-se o homúnculo: não, porque ele não segue uma vontade. Como a avalanche humana obedece a uma lógica que, caso a caso, pode não ser a minha, e eu, como indivíduo, não tenho forças para detê-la ou desviá-la, estou convencido de que não possui uma lógica interna, mas obedece às leis *naturais*. inviolável.

Chegou o *desastre* da ciência ou, antes, a ciência limitou-se a cumprir a tarefa que lhe foi confiada; a confiança cega em suas deduções foi perdida e, portanto, caiu o mito que havia contribuído poderosamente para se originar. Mas o proletariado se renovou: nenhuma decepção pode esgotar sua convicção, pois nenhuma geada destrói completamente o surto cheio de sucos vitais. Você refletiu sobre suas próprias forças e quanta força é

necessária para atingir seus objetivos. Ele se dignou na consciência das crescentes dificuldades que vê agora, no propósito dos crescentes sacrifícios que sente o dever de fazer. Chegou um processo de internalização: foi transportado de fora para dentro do fator histórico: um período de expansão é sempre seguido por um de intensificação. *A lei natural, o curso fatal dos eventos pseudocientíficos foram substituídos: a vontade tenaz do homem.*

O socialismo não está morto, porque homens de bom não morreram.

7)

Eles zombaram e até hoje zombam do valor *numérico*, que seria apenas um valor democrático, não revolucionário: o boletim de voto, não a barricada. Mas o *número*, a *massa*, serviu para criar um novo mito: o mito da universalidade, o mito da maré que sobe irresistível e ruidosamente e desmoronará a cidade burguesa fundada nos adereços desse privilégio. O número, a massa (muitos na Alemanha, França, Estados Unidos, Itália... que todos os anos estão crescendo, crescendo...) consolidou a convicção de que cada indivíduo tem de participar de algo grandioso que está amadurecendo e do qual cada nação, cada partido, cada seção, cada grupo, cada indivíduo é uma molécula que recebe e devolve a seiva que, à medida que circula pelo corpo, enriquece o complexo do corpo socialista mundial. Os milhões de infusórios que nadam no Oceano Pacífico constroem infinitos recifes de coral abaixo do nível da água: um terremoto leva os recifes à superfície e um novo continente é formado. Os milhões de socialistas espalhados por toda a vastidão do mundo também estão trabalhando para construir um novo continente: e o terremoto

8)

É mais fácil convencer aqueles que nunca participaram da vida política do que aqueles que pertenceram a um partido já formado e rico em tradições. A força que a tradição exerce sobre a alma das pessoas é imensa. Um clérigo, um liberal que se torna socialista, são tantas caixas de surpresas que podem explodir a qualquer momento com efeitos letais para nossa unidade. As almas virgens dos camponeses, quando convencidas da verdade, se sacrificam por isso, fazem todo o possível para colocá-la em prática. Quem se tornou é sempre um relativista. Você já experimentou em si mesmo como é fácil cometer erros ao escolher seu próprio caminho. Portanto, ele tem um histórico de ceticismo. Aqueles que são céticos não têm coragem de agir.

Prefiro que o movimento esteja mais próximo de um camponês do que de um professor universitário. Só que o agricultor deve tentar obter uma grande experiência e uma grande amplitude mental, como a de um professor universitário, para que sua ação não seja estéril e para que seu sacrifício seja possível.

9

Acelere o futuro. Essa é a necessidade mais sentida pela massa socialista. Mas qual é o futuro? Existe como algo realmente concreto? O futuro não está expondo a vontade de hoje no futuro como se o ambiente social já tivesse sido modificado. Portanto, acelerar o futuro faz duas coisas. Ser capaz de estender essa vontade a um número de homens necessário para realizar sua vontade. E isso seria um progresso quantitativo. Ou para tornar isso tão intenso na minoria atual que a equação se torna possível: $1 = 1.000.000$, e isso seria um progresso qualitativo. Atear fogo à alma e acender uma miríade de faíscas. Portanto, é necessário [...] ^[4] Esperar até a metade mais uma é o programa das almas tímidas que esperam o

socialismo chegar por um decreto real assinado por dois ministros.

11 de fevereiro de 1917

Tudo está bem

Ilusionistas e ilusões

Quantos ilusionistas neste mundo:

Ilusionistas são os diplomatas que, apenas porque se dão muito bem, implicam que fazem grandes coisas.

Os políticos ilusionistas que, como Figaro cantou, fingem ignorar o que sabem e sabem o que ignoram, trancam-se com portas duplas para meditar no jornal, fingem ser profundos quando estão vazios, pagam traidores ou interceptam cartas e depois eles tentam esconder a baixeza dos meios sob a nobreza dos propósitos.

Ilusionistas, estrategistas da sala e da redação, que se dizem soldados e sempre viveram longe da frente.

Ilusionistas os censores do governo, que acreditam que suprimem os fatos porque mudam de expressão.

Ilusionistas que preenchem nossas cabeças, que afirmam que está tudo bem, mesmo quando os negócios correm mal.

Ilusionistas, os mercadores do chauvinismo, que lutam heroicamente nas trincheiras da retaguarda mais segura e depois *nos* dizem quando falam de verdadeiros soldados.

Os democratas reacionários são ilusionistas, que acreditam que a ação socialista é o principal de um decreto-lei e se assemelham àquele tolo que se iludiu em punir o mar ao atacá-lo.

[Mas se uma multidão de ilusionistas se reunir no palco, os ilusórios no assento

diminuir. E a galeria socialista sorri.]

13 de outubro de 1917

Nenhuma tolerância para

absurdo

*[Tolerância intransigente, intolerância e
transigência]*

A intransigência não está permitindo que medidas sejam adotadas - para atingir um fim - que não sejam apropriadas para o fim e de natureza diferente para o fim.

A intransigência é o predicado necessário de caráter. É a única prova de que um determinado grupo existe como organismo social vivo, de que possui um objetivo, uma vontade única, uma maturidade de pensamento. Porque a intransigência exige que cada parte singular seja coerente no todo, que cada momento da vida social seja harmoniosamente pré-estabelecido, que tudo ou tenha sido pensado. Requer que haja princípios gerais claros e distintos e que tudo o que é necessário dependa deles.

Para que um organismo social seja disciplinado sem compromissos, é necessário que ele tenha uma vontade (um fim) e que o fim tenha uma razão, que seja um fim verdadeiro, e não um fim ilusório. Não basta: é necessário que, a partir da racionalidade do fim, todos os componentes individuais do organismo sejam persuadidos, para que ninguém possa rejeitar a observância da disciplina, para que aqueles que desejam impor a disciplina possam solicitá-la como cumprimento de um objetivo. obrigação livremente contratada, ou melhor, como uma obrigação de estabelecer o que o próprio recalcitrante favoreceu.

A partir dessas primeiras observações, conclui-se que a intransigência na ação tem, por sua natural e necessária tolerância, na discussão que precede a deliberação.

As deliberações devem ser estabelecidas coletivamente de acordo com o motivo. O motivo pode ser interpretado por um coletivo? Certamente, um *único* indivíduo delibera muito mais rápido (para encontrar a razão, a verdade) do que um

coletivo. Como o indivíduo *único* pode ser escolhido entre os mais capazes, entre os mais preparados para interpretar a razão, enquanto o coletivo é composto de diferentes elementos, preparados em diferentes graus para entender a verdade, desenvolver a lógica de um fim, observe os diferentes estágios pelos quais se deve passar para alcançar o próprio fim. Tudo isso é verdade, mas também é verdade que um *único* indivíduo pode se tornar ou ser visto como um tirano, e a disciplina imposta por ele pode desmoronar porque o coletivo recusa ou não consegue entender a utilidade da ação, enquanto disciplina estabelecido pelo próprio coletivo a seus componentes, embora aplicado lentamente, dificilmente falha em sua execução.

Os membros do coletivo, portanto, devem chegar a um acordo entre si, discutir entre si. Eles devem, através do debate, chegar a uma fusão de almas e vontades. Os elementos individuais da verdade com os quais cada um pode contribuir devem ser sintetizados na *verdade* complexa e ser a expressão integral da razão. Para que isso aconteça, para que o debate seja amplo e franco, é necessária tolerância máxima. Todos devem estar convencidos de que essa é a verdade e que, portanto, sua execução é absolutamente necessária. No momento da ação, todos devem concordar e ser solidários, pois no fluxo da discussão um acordo tácito foi formado e todos foram responsáveis pelo fracasso. Você pode ser inflexível em ação apenas se tiver sido tolerante na discussão e se os mais preparados ajudaram os menos preparados a abraçar a verdade, e as experiências individuais foram reunidas e todos os aspectos do problema foram examinados e nenhuma ilusão foi criada. [Os homens estão prontos para agir quando convencidos de que nada lhes foi oculto, de que nenhuma ilusão, seja voluntária ou involuntariamente, foi criada. Que, para serem sacrificados, devem saber de antemão que o sacrifício pode ser necessário. Se lhes dissessem que a ação seria bem-sucedida, então a probabilidade exata de sucesso e fracasso havia sido calculada e a probabilidade de sucesso seria maior; se lhes dissessem que seria um fracasso, é que a probabilidade de fracasso surgiu de um número maior de críticas - reunidas, sem coerção, pressa ou chantagem moral.] É

claro que essa tolerância - método de A discussão entre homens que concordam fundamentalmente e devem encontrar coerência entre princípios comuns e a ação que eles terão que realizar em comum - não tem nada a ver com tolerância, comumente entendida. Não há tolerância para erros, para bobagem. Quando você está convencido de que está errado - e foge da discussão, se recusa a discutir e tenta fazê-lo, dizendo que todos têm o direito de pensar o que você quer - você não pode ser tolerante. Liberdade de pensamento não significa liberdade para cometer erros e cometer erros. Somos contra a intolerância como resultado de autoritarismo ou idolatria, porque impede acordos duradouros, porque impede o estabelecimento de padrões de ação moralmente vinculativos, porque todos participaram livremente do estabelecimento. Porque essa forma de intolerância necessariamente leva à transitoriedade, incerteza e dissolução dos organismos sociais.

[Aquele que não foi capaz de se convencer da verdade, que não foi libertado por uma imagem falsa, que não foi ajudado a entender a necessidade de ação, abandonará o primeiro choque repentino com seus deveres, e a disciplina sofrerá o efeito e ação levará ao fracasso.]

40/122

É por isso
que fizemos essa abordagem:
tolerância à intransigência, intolerância - transferência.

Educação e família

Os privilégios da escola particular [Pela liberdade da escola e pela liberdade de ser burro]

Muitas vezes, os secretários falam de bom grado da liberdade da escola. Mas não se deixe enganar pelos leitores. A palavra liberdade em sua boca em todo lugar tem apenas um significado que não coincide com o conceito de liberdade que os homens que pensam que não são clericais podem ter. Para os clérigos, a libertação da escola significa especificamente a liberdade de ser burro, com o gozo de todos os direitos reconhecidos àqueles que estudaram. Esta é a fórmula: "Pela liberdade da escola", uma bela bandeira que cobre, ou deveria cobrir, uma especulação econômica e sectária lucrativa.

Escolas particulares de ensino superior prosperam na Itália. Nenhuma lei interrompe seu desenvolvimento e sua explicação livre. Eles podem fazer a competição que desejam na escola estadual. Se são melhores, os assistentes recebem uma educação melhor do que a encontrada nas escolas públicas, podem se multiplicar indefinidamente, podem cobrar as taxas que desejarem. O Estado reconhece o direito de comprar o produto "educação" onde quiser.

No entanto, o produto "educação" vale pouco na Itália, apesar de seu custo. O que conta é o produto "title", que custa muito pouco. E aqui começam as dores de escritório. O Estado tem um anúncio solicitando o produto "título". Quem tem "títulos" de estudo os vende especialmente ao Estado, que os compra de olhos fechados, pelo seu valor real, mas quer reservar o maior controle absoluto de sua origem. O Estado, em resumo, está sempre disposto a comprar títulos de estudos, mas pretende que sejam emitidos por uma de suas instituições credenciadas.

Usamos a linguagem econômica apenas para destacar o fato de que a questão que os clérigos estão agitando é puramente econômica. Eles gostariam de vender ao Estado todas as

mercadorias danificadas que pudessem. Eles gostariam de conquistar uma liberdade que seria apenas um privilégio para eles, um privilégio para os alunos que freqüentam suas escolas, em detrimento do coletivo. Eles não se contentam em usar o dinheiro que passa pelo controle de agências governamentais e é reconhecido como moeda legal; Eles também gostariam de usar moeda falsa, muita moeda falsa, inundar todo o mercado italiano e pretendem que o Estado também dê uma moeda legal a essa moeda falsa, acredite-a em administrações privadas, que ainda têm o costume de servir apenas aos valores do Estado. Os clérigos chamam isso de especulação fraudulenta sinistra

"Liberdade da escola".

O conselho de administração da União Pro Escuela Libre publicou nestes dias em um jornal da Católica *confiança* uma carta aberta ao ministro Ruffini com a qual ele tenta iniciar uma abordagem nova e definitiva para a tartana do Estado. O estado de guerra deu a muitas medidas menores uma aparência justificativa, o que prejudicou ainda mais a seriedade da escola.

Os clérigos querem aproveitar o período geral da colheita para conquistar de maneira definitiva as concessões que a ignorância ministerial deu em circunstâncias excepcionais. O Ministério aboliu qualquer controle efetivo sobre a alocação de graus acadêmicos. Mas amanhã a opinião pública voltará a impor o controle: as escolas públicas, como tal, estão potencialmente sempre sob controle público, sua administração pode ser modificada de acordo com as correntes mais sérias da vida nacional. É um mal real e muito sério que por dois anos um regime jauja tenha sido possível nas escolas, que os méritos da

guerra tenham substituído os méritos acadêmicos e a economia em geral sofra dolorosamente por isso.

Mas este é um mal que não está nos princípios: está nos homens que se sucederam no poder. Os clérigos gostariam de perpetuar esse mal, cristalizando-o em receita para suas próprias instituições econômicas.

Nos últimos dois anos, eles garantiram que os alunos dos institutos de escritório pudessem escolher o local para os exames. Ninguém jamais poderá justificar, com o estado de guerra, tal concessão. Ninguém jamais poderá justificar que é mais conveniente, em termos "econômicos", que o aluno seja examinado fora da residência onde estudou. Mas os ministros Credaro e Grippo permitiram.

Eles permitiram que os secretários enviassem seus alunos para os exames onde era fácil passar, onde os examinadores eram vinculados aos examinados por laços de interesses políticos e sectários, onde os examinadores podiam ser corruptos. A carta aberta pede ao ministro Ruffini que esta concessão seja mantida este ano, lamenta que o ministro não tenha se dignado a responder a um órgão privado a esse respeito, pede que a concessão não seja mantida apenas este ano, mas que torna-se um direito. Assim, para jovens abastados, que não estudaram, talvez seja possível ir de Turim à Calábria em busca do examinador que os aprovará, mesmo que não tenham conhecimento suficiente, enquanto outro jovem, se ele quiser passar nas escolas de Turim, ele deve estudar, deve se sacrificar e, apesar de ter feito todo o trabalho necessário, pode ser desalojado pelo outro, cuja família conseguirá ter o médico e apoiar o burro.

O ministro Ruffini fará ouvidos surdos à carta aberta, como fez ao órgão privado? Os interesses da escola sairão do pântano do pântano político? A opinião pública deve obrigá-lo a fazê-lo. O coletivo tem interesse na escola que serve para treinar homens

capazes, verdadeiramente preparados para realizar um trabalho útil para todos, e não que seja um distribuidor de títulos a preços de pechincha. A carta aberta dos funcionários é um tecido de distorções complicadas da realidade escolar. É necessário que o coletivo, que espreme o sangue de suas veias para pagar por uma burocracia completa e ociosa, mantenha todas as possibilidades de controle sobre a alocação de títulos acadêmicos, os quais, generosamente concedidos ao inepto, servem apenas para aumentar a desconforto da vida pública, para criar camadas de burocracia pleonástica, vivendo parasiticamente da produtividade dos trabalhadores.

13 de abril de 1917

Mulheres, senhores e amores

[Personagens italianos] Leia um ou mil livros de prosa artística, escritos pelos italianos: romances, contos, comédias, dramas. Se, ignorando por um momento o problema puramente artístico, você procura o mundo espiritual que permeia a consciência dos escritores e que mais interessa ao público leitor, terá que concluir que os italianos inteligentes, os escritores e os eles lêem, preocupam-se apenas com uma coisa: a relação entre os dois sexos. A sexualidade forma todo o mundo das frases épico-líricas dos italianos. Ser original significa ser capaz de encontrar uma nova solução para um problema psicológico, cujos termos são sempre os mesmos: amor, paixão, adultério. A variedade de tons empalidece na pornografia mais plana ou atrai as estrelas do mais enjoativo da luz da lua sentimental. Os heróis são: o jovem cavalheiro decadente, elegantemente cruel, a *bebida* cheia de vitalidade, a garota que está dividida entre os costumes tradicionais e a emancipação, a

mulher que não encontra satisfação suficiente no abraço do casamento e assim por diante. Se os italianos não querem entediar os leitores, precisam escrever sobre mulheres, senhores e amores (as armas são proibidas e restritas a enviados especiais). A literatura é um círculo fechado e infectado. Lendo esses livros, parece que a Itália é um imenso seraglio de babuínos no calor que fingem ser sentimentais, quando o sentimentalismo é a maneira mais fácil de alcançar a meta desejada. Todas as outras atividades da vida que não são atividades amorosas, parece que elas não existem, são consideradas atividades inferiores pela Arcádia artística que estabeleceu um padrão externo de perfeição. Toda a vida moderna, vibrante com fervor pelo trabalho, rica em dramas espirituais pela luta de classes, pelo choque de interesses antagônicos, não se torna o conteúdo artístico, exceto por uma figura excepcional, os filibusters das carteiras, ou ainda mais freebooters nos quartos. Há um desequilíbrio na atividade que é o resultado da vida superficial da realidade e nela reverte um novo produto de superficialidade, leveza, vazio retórico. Portanto, na Itália, eles não são muito populares, é literatura inglesa e alemã ou literatura popular francesa. A literatura alemã é confusa, como eles dizem. A literatura inglesa é cômica, porque em cinquenta por cento dos livros em inglês o amor é totalmente desconsiderado e nos outros cinquenta não é de todo dominante, descontrolado e aceito com um sorriso como nos livros italianos.

Em um romance inglês moderno, cheio de energia e vitalidade artística, fluido e interessante para os espíritos saudáveis e serenos, mais do que todas as obras-primas de Guido da Verona e Luciano Zuccoli, isso é assumido como uma razão dramática... a derrota do mercachifle mundial pequeno-

burguês. Para um italiano, parece que você bebe um copo grande de absinto depois de encher a boca, a garganta e o estômago com todas as delícias açucaradas de uma confeitaria moderna. Na densidade substancial do romance (*The Story of Mr. Polly*, de HG Wells), há ainda um núcleo doutrinário ainda mais substancial:

Uma sociedade cuja complexidade cresce rapidamente e que, em geral, se recusa a considerar o futuro ou resolver os sérios problemas de sua organização, é como um homem que não levou em consideração nenhuma dieta ou dieta, que se absteve de lavar e se exercitar e dê liberdade a todos os seus apetites. Tal sociedade acumula estoques inúteis e sem objetivo, assim como um homem acumula em seu sangue alimentos gordurosos e não saudáveis; tal sociedade perde virtude e capacidade, ao mesmo tempo que secreta agitação e miséria. O estágio atual de sua evolução é acompanhada por um máximo de tormento e conflitos que poderiam ter sido evitadas com facilidade, e um desperdício de unidades humanas... Nada poderia demonstrar melhor a urgência de um vigoroso renascimento intelectual para pentear a inércia geral nossa comunidade que a presença, dentro dela, dessa enorme multidão de cérebros inúteis, miseráveis, ignorantes e sem instrução e, por outro lado, todos dignos de compaixão, que foi acordado em apontar sob a definição errada e que presta-se a uma falsa interpretação da "classe média baixa". Pode-se dizer que grande parte da unidade dessa classe é composta por pessoas com deficiência, que não são inutilizáveis, embora em virtude de algumas economias, economias de salários anteriores, apólices de seguro ou qualquer outro capital, não eles são obrigados a apelar diretamente aos auxílios concedidos à miséria pública. Os pequenos comerciantes, por exemplo, são, em grande parte, ex-trabalhadores que, devido à incompetência, falta de educação ou simplesmente devido à falta de aspirações, seja pelo aprimoramento das artes mecânicas ou devido a mudanças na indústria, foram despojado de seus empregos e fundou uma empresa que ninguém pedia, apenas para suprir a insuficiência de sua renda. Agora, sua loja mal cobre 60 ou 70% de suas despesas, e eles cobrem o restante com seu capital, então está

diminuindo. São vidas esgotadas, se não da maneira trágica do trabalhador que sucumbe à fadiga, exausta por esforços e privações, sim pelo menos lentamente, com o acúmulo constante de pequenas perdas sucessivas, que certamente levam aos homens. para a sepultura: somente aqueles que possuem um capital significativo morrem na miséria antes de conhecerem a ruína e a miséria. É menos provável que sejam bem-sucedidos em seus negócios do que ganhar o primeiro prêmio em qualquer loteria com apenas um bilhete.

Todos os anos, passa a mesma lamentável procissão de pequenas falências e prisões por desfile de dívidas, sem que haja qualquer sanção legal entre nós para interromper o movimento. Não há cópia de um jornal comercial que não contenha de quatro a cinco colunas abreviadas de anúncios de falências; ah reza cada anúncio ou, quase arruinado, representa uma nova família que ficará nos braços da comunidade e viverá à custa dela. E, novamente, eles se reúnem na mesma multidão de artesãos e trabalhadores supérfluos, que deixam seus postos com algumas economias e que têm a ajuda financeira da família, de viúvas que tomaram o seguro de vida de seus maridos, de "filhos". do pai »ignorantes e orgulhosos do fruto da paciência paterna, que correm para os negócios abandonados pelo perdedor, são aquelas oficinas mal construídas e mal abastecidas que abundam em toda parte... ^[5]

E essa tendência literária não é um sintoma pequeno. De fato, aqueles que estão interessados apenas no vazio estão vazios. Todo aquele que coloca o destino sentimental como modelo de perfeição humana é um tolo. Este é um sintoma do desmembramento que caracteriza a vida italiana, motivo pelo qual nem os valores humanos nem os valores políticos e sociais são graduados com sucesso. Assim, o choro de alguns milhares de pessoas sociais, como os comerciantes, se torna mais importante do que o sofrimento de um enorme número de milhões de cidadãos italianos comuns, que são a parte dinâmica e criativa deste nosso país infeliz.

10 de julho de 1917

Um dever moral

[A família]

Os socialistas ainda são frequentemente retratados como inimigos da família. Esse é um dos lugares comuns, um dos preconceitos anti-socialistas mais arraigados e generalizados, especialmente entre as classes populares que menos conhecem nossas doutrinas, nossos ideais, porque a fé na redenção dos homens da escravidão econômica não despertou simpatia que é necessário entender, mesmo sem estudos, um movimento social e a falta de cultura significa que eles não sabem objetivamente o que os socialistas propõem e como desejam que suas intenções sejam implementadas.

A família é, em essência, um organismo moral. É o primeiro grupo social que vai além do indivíduo, que impõe obrigações e responsabilidades ao indivíduo. Sua estrutura mudou ao longo da história. No mundo antigo, incluía, além de pais e filhos, também escravos, clientes, amigos. Sendo também um órgão de defesa e proteção social, na família antiga, um homem poderoso e rico reagrupou não apenas sua esposa e filhos, mas também todos aqueles que sozinhos não foram capazes de defender e proteger seus interesses legais, econômicos e morais, e foram forçados a se subordinar a uma pessoa poderosa, correspondendo a serviços de maior ou menor importância, os benefícios da segurança e da liberdade pessoal que receberam.

Como a idéia e a instituição do Estado foram reforçadas ao longo da história, os indivíduos adquiriram a possibilidade e o direito à segurança e liberdade, fora da instituição familiar. A família foi reduzida ao seu núcleo natural, os pais e os filhos, mas, além de ser um órgão da vida moral, continua sendo um órgão de defesa e um guardião biológico e social. Nesta dupla função residem os defeitos da família como ela é atualmente constituída. Para nós, socialistas, pelo menos para aqueles, e eles são a maioria, que não sentem absurdos *estatolatria* e não acreditam em nada no sistema socialista, a educação das crianças deve ser confiada às instituições do estado, impessoais, funcionamento burocrático e mecânico - a família deve ser reintegrada à sua única função moral, de preparação humana, de educação civil. A família atual não pode cumprir esta tarefa. A principal preocupação dos pais não é mais educar,

enriquecer os filhos com os tesouros da experiência humana que o passado nos deixou e que o presente continua a acumular. Pelo contrário, é proteger o desenvolvimento fisiológico da prole, garantir seus meios de subsistência e garantir esses recursos para o futuro. A propriedade privada surgiu precisamente por isso. O indivíduo, ao se tornar proprietário, resolveu o problema angustiante de proporcionar uma vida segura para seus filhos, sua esposa. Mas a solução que a propriedade privada deu a esse problema é uma solução anti-humana; a segurança da prole torna-se um privilégio ou poucos, e nós socialistas queremos que não seja assim, que todos os nascidos de mães sejam protegidos durante seu desenvolvimento fisiológico e moral, que todos os nascidos de mães sejam iguais a perigos, para as dificuldades do ambiente natural, e que todos tenham as mesmas oportunidades de encontrar os meios necessários para educar sua própria inteligência, para dar a toda a comunidade o máximo de frutos do conhecimento, da pesquisa científica, da imaginação que ela cria a beleza da poesia, da escultura, de todas as artes. A abolição da propriedade privada e sua conversão em propriedade coletiva, portanto, só podem ser feitas se a família é o que está destinada a ser: um órgão da vida moral. No regime coletivo, segurança e liberdade serão garantidas para todos, independentemente: os meios necessários para a proteção das crianças serão garantidos para todos. Os pais não se sentirão mais perseguidos pela angustiante busca de pão para seus filhos e poderão realizar em paz sua tarefa moral de educadores, transmissores da tocha da civilização de uma geração para outra, do passado para o futuro.

Socialistas, proletários, inimigos da família?

Ou como explicar a tenacidade do sacrifício do proletário que luta pela libertação de sua classe, se o amor e a preocupação ansiosa pelo futuro dos filhos lhe foram tirados? O burguês se cansa e se desgasta em busca de enriquecimento pessoal para construir uma propriedade para transmitir aos seus filhos. Mas seu cansaço, o desgaste de sua fibra não é iluminado por um ideal universal; é obscurecido pelo privilégio que deseja

perpetuar, pela exclusão que deseja determinar. O proletário luta e se desgasta porque quer deixar aos filhos melhores condições de existência e segurança coletiva: faz os sacrifícios mais dolorosos, realiza, se necessário, até o sacrifício de sua própria vida, porque quer criar para os filhos um futuro de paz e justiça, no qual os meios de subsistência, desenvolvimento intelectual e moral são igualmente garantidos, sem qualquer tipo de exclusão, e que eles possam transmitir esses meios aumentados para aqueles que os perseguem. Quem ama mais a família? Quem se importa mais com sua consistência racional e moral? E, no entanto, nós socialistas continuamos e continuaremos por um tempo sendo, para os estúpidos e ignorantes, os inimigos ferrenhos, os traidores mais desonestos.

Liberdade e direito

Direitos dos residentes

[A cartilha da liberdade]

Uma cartilha de pão não é suficiente - *afirma o Corriere della Sera* - também é necessário introduzir a cartilha de liberdade. É legal né? É tão brilhante que imediatamente simpatizamos com a proposta, tornando-a imediatamente concreta.

A cartilha poderia consistir em uma lei que dizia:

1. Um cidadão italiano preso não pode passar mais de dez dias sem ser informado dos motivos de sua prisão; antes de dez dias ele deve ser levado perante seu juiz natural e ele recuperará sua liberdade mesmo que seja provisória.
2. A prisão preventiva é mantida apenas para os acusados de crimes graves - quando a evidência de culpa é tal que a condenação parece altamente provável - e não deve ser prolongada por um período superior ao período mínimo da sentença.
3. Os oficiais, juízes, carcereiros, por causa dos quais um cidadão é arbitrariamente privado de sua liberdade, são obrigados a pagar à vítima uma compensação conjunta cada uma das dez mil liras, a ser paga com dias de prisão em caso de insolvência, com registro no documento judicial, perda de emprego e perda de direitos civis por cinco anos.

O livreto tem uma limitação, mas também deve incluir uma garantia segura e concreta da liberdade mínima acordada. O folheto não deve ser apenas para cidadãos comuns, mas também para cidadãos guardiões. É rigoroso, para alguns, mas especialmente para outros. Não deve acontecer como o açúcar. A

liberdade, como o pão, deve ser garantida: o livreto da liberdade, como o que estamos invocando, existe há quase três séculos na Inglaterra, um país aliado, que também luta na guerra pela liberdade e pela justiça. Que o governo italiano também o introduza, mesmo que seja por um desafio de vice-presidente. Mas a Itália do *Corriere della Sera*, que admira a Inglaterra por bilhões, quer uma... cartilha italiana; para açúcar, sem açúcar; para pão, sem pão; pela liberdade, com Bava-Beccaris e com o estado de sítio.

10 de setembro de 1917

Os deveres de um juiz [Em louvor a

Pôncio Pilatos]

Não é um elogio paradoxal. É um reconhecimento justo e necessário de méritos reais e chegou a hora de reconhecê-los.

Pôncio Pilatos é a maior vítima do cristianismo, do ódio religioso. Seu nome foi difamado, tornou-se sinônimo de fraqueza, falta de caráter. Ninguém jamais apelou contra sua condenação. O cristianismo algema a inteligência, impede a busca imparcial da verdade. E Pilatos continua sendo abusado, mesmo por aqueles que escaparam dos pântanos religiosos, que na morte de Jesus Cristo vêem apenas uma questão de uma crônica judicial mítica prolongada ao infinito pela paixão dos proselitistas, que a necessidade de propaganda dos primeiros cristãos.

Pôncio Pilatos era um juiz heróico. Convencido da inocência de Jesus Cristo, no entanto, ele fez os legionários romanos cumprirem a pena de morte. Parece um jogo de palavras, mas não é. Pôncio Pilatos só era culpado de cumprir escrupulosamente seu dever, de respeitar heroicamente suas obrigações. Ele não queria ir além de si mesmo, não queria prevalecer, nem mesmo obedecer ao impulso de sua própria consciência como indivíduo, como cidadão privado. A qualidade legal com a qual ele foi investido silenciou a consciência do indivíduo, do cidadão privado.

Pôncio Pilatos foi o procurador de Tibério na Judéia. Seus poderes foram firmemente estabelecidos pelo direito romano, e o direito romano era liberal. Somente quem violou a lei caiu sob a sanção da lei romana: aqueles que se recusaram a pagar os impostos, quem minou o domínio de César e seu legado. Além disso, os judeus eram independentes, sua conduta era governada por leis e práticas locais: as autoridades romanas, que detinham o poder executivo, simplesmente aplicavam as sanções estabelecidas por essas leis, por esses costumes. Foi assim que Pôncio Pilatos, apesar dos protestos dos fariseus e publicanos (os publicanos eram então os cobradores de impostos do estado), recusou-se a julgar Jesus Cristo e o enviou de volta a Herodes. As acusações contra Jesus não estavam cobertas pela lei romana, não eram crimes de Estado. Pilatos recusou-se vigorosamente a aceitar as interpretações que os fariseus, publicanos e sacerdotes do templo queriam impor a essa lei. O único intérprete da lei estadual era ele, não os porta-vozes irresponsáveis da praça.

Jesus foi condenado, mas a sentença não foi proferida sob a lei romana; Ele foi condenado, mas Pôncio Pilatos não reconheceu a sentença como imperial e obedeceu apenas à lei que impunha a execução de sanções também puramente locais. Ele cumpriu a sentença por respeito às autonomias locais que a lei romana impunha aos magistrados romanos.

O cristianismo caluniou Pôncio Pilatos. A consciência moderna deve exaltar Pôncio Pilatos. Após a queda do Império Romano, a consciência do júri se perdeu. Foi uma reconquista dos novos tempos. A independência do judiciário tem sido uma das maiores garantias de justiça que o homem moderno conseguiu conquistar. Na França, na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos, mas não na Itália. O estatuto do Reino da Itália subordina a *ordem* judicial ao *poder* executivo, mas dentro de certos limites. O intérprete da lei continua sendo o magistrado, o único que pode e deve julgar se um cidadão violou a lei, se deve ser punido e sob que acusações ele deve ser preso.

Nem na Itália, os fariseus, os cobradores de impostos, a praça podem impor aos tribunais uma linha de conduta diferente

daquela estipulada por lei. Mas estão perto de fazer o mesmo que sempre se refere à tradição romana, que se proclamam depositários e futuros propagadores da civilização romana que se impôs ao mundo especialmente pela liberalidade de seu sistema judicial, pelo cuidado com que os magistrados romanos eles observam a lei.

Os netos, depositários da tradição romana, chegam ao ponto de cometer transgressões com a magistratura. Eles pedem que a lei, que as poucas garantias de liberdade que a lei italiana concede aos cidadãos sejam violadas, e que, como preço do crime, prometam à magistratura seu apoio ao aumento de seus salários.

A reabilitação de Pôncio Pilatos foi necessária. Quanto mais Pôncio Pilatos aparecer em sua verdadeira dimensão como magistrado obediente à lei, como vindicante de sua independência, como o único intérprete autorizado e responsável pelo código do Estado, mais desprezível a multidão de fariseus e publicanos aparecerá (os publicanos eram chamados em Roma empreiteiros militares) que grita furiosamente: crucifica-o, crucifica-o.

29 de setembro de 1917

Jesus e milhões de homens [O declínio de um mito] Um homem nasce em uma parte da superfície da terra. Sua vida corporal termina abruptamente com a pena de morte. Mas a vida de suas obras, de suas palavras, continua, se expande, se torna milhões e milhões de vidas, imprime sua marca em séculos de história. O homem tornou-se um mito, tornou-se parte da consciência universal: conquistou a imortalidade, aquela imortalidade que somente os leigos admitem e é a perpetuação de uma palavra alta, de um exemplo sublime de vida moral. no mundo, nas consciências dos homens que nasceram mais tarde e que ainda nascerão no mundo.

Uma nova civilização é chamada pelo nome desse homem. A nova civilização era uma necessidade histórica, estava potencialmente contida na civilização anterior, mas que o homem descobriu, foi capaz de expressar em palavras imortais essa necessidade, tornou-se amplamente consciente dessa necessidade e, portanto, contribuiu para o nascimento já se espalhou. Ele lançou no mundo greco-romano uma idéia-chave: a diferença de sangue, de raça, não é causa de desigualdade entre os homens: os homens são iguais, porque são filhos do mesmo pai, porque são contaminados pela mesma culpa, porque eles estão vinculados à mesma necessidade de purificação para alcançar uma vida que é a vida verdadeira e não é deste mundo.

Milhões de homens, que antes se consideravam inferiores, sentiam igualdade. A escravidão, propriedade dos corpos humanos, apressou sua decomposição. Aqueles milhões de homens começaram a sentir que eram algo, começaram a refletir sobre sua própria natureza, sua própria consciência. A fórmula para sua redenção veio de um homem que morreu em certo lugar por ter afirmado esse princípio. Os homens identificaram grosseira e ingenuamente sua consciência com aquele homem, com aquele lugar. Eles materializaram um fenômeno que era apenas ideal. Para aquele homem, para aquele lugar, eles se mataram, sofreram sacrifícios, acenderam fogueiras, inventaram a tortura. Mas o mito, a materialização da idéia, estava se purificando das escórias mortais e contingentes. Outros homens se sacrificaram. Eles alegaram que foi a consciência humana que foi liberada que, depois de reconhecer a si mesma e sua própria energia, quebrou as correntes e correntes. O homem que havia sido deificado, que assumira uma grandeza fictícia e artificial, retornou simplesmente homem, defensor da verdade, propagador da verdade, mártir da verdade. Ele se exaltou, mas da grandeza verdadeira e não perecível que é testemunhada pela eficácia, nos séculos e na história de uma palavra alta, de um sublime sacrifício pelo dever. O testemunho da divindade tornou-se um testemunho da humanidade, de uma humanidade melhor e mais perfeita, se não dos melhores e mais perfeitos. Tornou-se um dos momentos mais importantes e significativos da luta

antiga e paciente que os homens mantêm contra a natureza e contra uma parte de si mesmos para serem cada vez mais livres, mais proprietários de sua vontade e dos meios para alcançá-la.. E o propósito que os homens anseiam com sua atividade foi se estabelecendo cada vez melhor e não era mais um fim externo, outra vida, e também era humanizado, secularizado. E a imortalidade que tinha que ser alcançada era a imortalidade terrena, assim que os homens perceberam que essa imortalidade continuava vivendo em consciências, na memória de seus sucessores, porque esses sucessores trabalharam para melhorar o presente, para que o futuro ainda estivesse futuro. melhor.

Assim, o mito estava desaparecendo. Assim, os sinais materiais de um episódio no passado estavam perdendo cada vez mais importância. Uma sepultura, uma cidade. Eles eram apenas um túmulo novamente, uma cidade. Os homens descobriram que a luz que uma vez lhes parecia irradiar do além, na verdade irradiava de sua consciência, vontade e trabalho. E era assim que Jerusalém era para os homens apenas um dos muitos eventos da guerra européia, e era assim que os sinos não tocavam a glória, nem a multidão lançava alegremente as praças e ruas. Não foi tanto a libertação de Jerusalém, mas o fato de os homens terem sido libertados de Jerusalém. Como uma liberdade fossilizada, materializada e dogmatizada se torna escravidão, e os homens, permanecendo indiferentes às notícias do advento, documentaram sua libertação da escravidão do mito cristão, do materialismo cristão.

22 de dezembro de 1917

A história é sempre contemporânea

[A barba e a banda]

O filósofo Croc escreveu duas monografias para demonstrar que a "história" é sempre, e só pode ser sempre, "contemporânea". Um fato do passado, para ser história e não um simples sinal gráfico, documento material, instrumento mnemônico, deve ser repensado e, nesse repensar, torna-se

contemporâneo, uma vez que a avaliação, a ordem dada a seus elementos depende necessariamente da consciência "contemporânea" de quem também faz história, daqueles que repensam eventos passados.

O filósofo de Croce está certamente certo. E essa razão nunca parece tão convincente quanto parece para nós, que vivemos enormes experiências, de profundidade e amplitude nunca vistas. Compreendemos melhor os fatos e a psicologia do passado, daqueles que na escola nos habituaram a chamar tiranos, imaginando-os pingando sangue, com um rosto sombrio, cercado por capangas, passando o tempo assinando sentenças de prisão e força.

A consciência "atual" nos confunde, nos faz refletir sobre esses eventos e aqueles homens de uma maneira que se aproxima da realidade. Eles tiranos exibiram um mal que não é menos comum agora do que era então: eles eram e são materialistas, no sentido de que medem a realidade espiritual apenas por medidas externas e a julgam apenas por sua aparência sensível. A censura então permitiu falar da liberdade chinesa, mas não da italiana: uma liberdade a milhares de quilômetros de distância não era assustadora. Nas escolas jesuítas, um estudante que falara em uma redação de uma república, de ideais populares, dos direitos pisoteados do povo etc. era severamente punido, mas esse mesmo aluno durante o recreio podia se encontrar com seus colegas de classe e improvisar. cenas imaginárias da República Romana, nas quais ele, um romano antigo, cobria os tiranos com insultos, e podia, com uma voz tremendo de emoção, exaltar os plebeus pisoteados pelos odiados patrícios e excitar a rebelião., a declaração, a transferência. A liberdade era vista à distância, no passado, e não parecia perigosa, e até a tribuna mais ardente foi concedida, talvez com uma cópia das obras de São

Ignacio.

Tiranos tiranos exteriorizados. Ordem, disciplina eram amadas na superfície e, na superfície, a gravidade da desordem e da indisciplina era julgada. Lembremo-nos das perseguições de homens barbudos. A barba era um sinal de sua aversão, já

que a gravata vermelha e o chapéu de abas largas eram vinte anos atrás. Como está agora... a banda abaixo do cotovelo. Quem não eleva a banda muito alto e não a segura com alfinetes, mas a deixa solta e cansada na borda da manga, não pode ser um subversivo, melhor ainda, um derrotista. A exterioridade continua a intimidar os cérebros. O túmulo deve ser caiado de branco e parecer uma casinha limpa e liliputiana sem vermes. A consciência não existe, a interioridade não existe, o cérebro não existe. Existe o hábito, há a palavra, há o crânio. A palavra separada do discurso é processada; Incapaz de cortar o crânio, ele está trancado em uma prisão na companhia do corpo.

A "realidade" nos faz realmente viver o passado, a psicologia dos homens do passado. E esclarece as idéias e nos obriga a transformar o vocabulário. Vamos largar a palavra "tirano": substitua-a pela palavra "estúpido": faremos história contemporânea do passado.

5 de fevereiro de 1918

Liberdade e ab usos [A reação

Tradução para o italiano]

Um *deslize* da censura romana significa que finalmente podemos dizer que o camarada Lazzari foi preso em 25 de janeiro, tendo caído, como costuma ser dito com pouca sinceridade e lealdade no

imprensa burguesa, na rede do *decreto* Sacchi. ^[6]

Não pretendemos escrever um discurso sentimental e muito tedioso contra a reação enfurecida. O camarada Lazzari é um homem acostumado mais a azar do que a boa sorte, e o Partido Socialista não desmoronará devido à prisão de seu secretário político; O honorável Morgari já assumiu essas funções e o partido continuará seu caminho.

Queremos apenas fazer algumas observações sobre o que está acontecendo na Itália, sobre o conjunto de medidas policiais e medidas quase judiciais, às quais estamos acostumados a dar o

nome de reação. É um fenômeno puramente italiano [e o *decreto de Sacchi* persistirá como um documento, valioso para os estudiosos, das condições deterioradas e descontroladas em que a sociedade italiana, a burguesia italiana, se encontra atualmente].

Somente em um país onde não há negócios, onde pouco trabalho é feito, onde as relações entre cidadãos e cidadãos são pouco frequentes e de pouco valor econômico, é uma monstruosidade jurídica como a que deu origem à ignorância democrática, o deputado de Cremona.. Qual é, com efeito, a segurança dos cidadãos para não serem continuamente expostos à privação de liberdade pessoal, para estarem protegidos contra arbitragem policial e abuso judicial, se não o ambiente necessário para o trabalho, para mudanças, pela produção, pelo cumprimento, em suma, de todas as atividades próprias de um regime capitalista? No entanto, na Itália, todos os males que afligem as poucas pessoas inteligentes e ativas são um resultado necessário da inépcia, da deterioração e das condições descontroladas em que essa parte da população se encontra, fazendo-nos a honra da linguagem socialista, chamamos de classe burguesa. Na Itália, não somos pontuais na abertura dos escritórios, na chegada dos trens, na reunião para uma entrevista, porque o tempo não tem valor, porque o tempo não é um coeficiente econômico de produção. Dez horas antes, dez horas depois: quais são as dez horas para quem não sabe preenchê-las? É o mesmo com a liberdade? O que é a liberdade para quem não sabe o que fazer com ele, para quem a liberdade não é um valor econômico, a possibilidade de trabalhar, de produzir de alguma maneira? Liberdade individual, segurança contra abuso de autoridade é a conquista do trabalho, da produção e de sociedades bem organizadas.

Lembro-me de um episódio. Um professor universitário me contou uma aventura que lhe ocorreu em Hyde Park, Londres, e ao fazê-lo, ele ainda tremia com nobre indignação. Ele viu cidadãos plantando bandeiras no chão, subindo em uma cadeira, chamando a atenção dos transeuntes e depois começando a pregar. Ele viu cerca de vinte, cada um deles apoiando suas idéias, tentando conquistar seguidores:

seguidores de determinadas seitas protestantes, socialistas, anarquistas e teosóficas. Ele parou na frente de um anarquista e ficou tão impressionado com as coisas que ouviu que imediatamente chamou um *policia* próximo e perguntou surpreso: "Mas o que você está fazendo aqui, por que não silencia esse homem?" E o *policia*, fleumático: "Estou aqui para silenciar homens como você, que querem tirar a liberdade dos outros de falar ". Um policia britânico dando uma lição de liberalismo a um professor universitário italiano. Nesse autêntico episódio, a mentalidade da burguesia italiana é documentada, como no *decreto* de Sacchi sua inferioridade é documentada. Realmente não é divertido ser vítima de uma multidão assim, e somente nesse sentido sentimos pena do camarada Lazzari.

8 de fevereiro de 1918

Capitalismo fora de controle

[Nosso ponto de vista]

Nosso ponto de vista sobre o escândalo de resíduos, [7](#) de acordo com a do C. Prampolini *La Giustizia*, seria a seguinte: exploits capitalismo e especula - que *deve* especular e explorar, sofre sua ruína - sempre, tanto em tempos de guerra como de paz. O capitalismo busca mercados para seus produtos e benefícios para seus acionistas, como e onde pode. É sua natureza, sua missão, seu destino. Italianos vendem para alemães, austríacos terão vendido para os franceses, britânicos terão vendido para turcos. O capitalismo é internacional e a Itália não é pior que os outros Estados.

Este seria o nosso ponto de vista, tanto o nosso que coincide perfeitamente com o da "Idéia Nacional". E entende-se que é o ponto de vista da «Idéia Nacional»: é por isso que as responsabilidades parecem tão vagas e diluídas, de fato, que na realidade ninguém seria responsável; os detidos devem ser libertados imediatamente e o Sr. Capitalismo, um vagabundo sem-teto, que está um pouco em todos os países do mundo ao mesmo tempo, deve ser detido.

Mas este, de fato, não é o ponto de vista dos socialistas. Os socialistas que fazem história, ou a crônica (mesmo a dos tribunais), evitam as abstrações dos genéricos difusos. Eles argumentam que há uma tendência geral de fazer coisas erradas na sociedade capitalista, mas não é por isso que confundem responsabilidades sociais com responsabilidades individuais. A produção burguesa *pode* se tornar especulação, fraude, ilusionismo, mas sua missão, seu destino não é enganar: tenta aumentar a riqueza, aumentar a soma dos ativos sociais. O ponto de vista de *La Giustizia* faz parte de uma visão teológica da sociedade, na qual o todo-poderoso, onipresente e onisciente Deus dos católicos é substituído por uma divindade abstrata equivalente.

É por isso que a pesquisa se torna inútil, o estudo dos fatos e da história é inútil, o exame dos costumes é inútil: tudo é o mesmo em todo lugar, porque o capitalismo está em todo lugar e uma folha não se move sem o capitalismo quer isso.

Essa abstração fatalista não é e nem pode ser nosso ponto de vista, porque está fora da realidade efetiva. Na realidade efetiva, o capitalismo é o Estado burguês, que está incorporado nas leis, na administração burocrática, nos poderes executivos. E estes, por sua vez, estão incorporados em indivíduos que vivem, se vestem, podem ser patifes ou cavalheiros. Até as leis, o Código Penal, são atividades capitalistas e punem os traficantes de lixo, o que significa que eles não são capitalistas puros e duros, mas capitalistas, homens que fizeram perversamente. E nosso ponto de vista é o seguinte: na organização burguesa da sociedade italiana existem instituições de controle que não funcionam, prejudicando a genuína produção capitalista, porque permitiram que perversos e criminosos continuassem suas atividades, apesar do fato de que estes eram tão suspeitos que dificilmente poderiam ser ignorados. O que significa que a organização burguesa italiana é má também em sua concepção de capitalismo.

O proletariado tem a tarefa específica de pressionar continuamente a organização atual para que ela se renove e se torne cada vez mais favorável à produção e ao aumento da

riqueza: deve pressionar para que apenas os indivíduos que, através de sua honesta atividade capitalista, tornam as condições mecânicas e naturais da vida social mais adequadas para uma transferência de classe no poder. É por isso que os socialistas querem que as instituições de controle estatal sejam competentes e possam exercer seu cargo com eficiência. Somente os socialistas podem querer isso, porque estão desinteressados, porque estão fora do *negócio* ^[8]. E eles não podem se contentar com abstrações, com responsabilidades genéricas. De fato, existe uma burocracia que deve controlar a atividade comercial dos industriais de resíduos, e o poder executivo deve impedir a especulação. O que a burocracia fez? Você cumpriu seu dever? E, de qualquer forma, por que não? A pesquisa deve ser feita, as responsabilidades devem ser estabelecidas. O incompetente, os golpistas devem ser eliminados. É uma prova decisiva para o regime : porque apenas demonstrando que eles sempre são capazes de cumprir sua função social é alcançado. Mas se ninguém o força constantemente a passar no teste, ele se perpetua na indiferença de todos, que se divertem falando sobre o capitalismo, sem cuja vontade nem uma única folha se move.

Os males do estado italiano

Contra a burocracia [Louvor de um ladrão]

Os jornais são COATADOS por um promotor do Ministério da

A educação foi presa porque ele adquiriu o hábito de fazer desaparecer *práticas* volumosas das mesas dos funcionários, vendê-las como papel usado e lucrar nesses tempos com alimentos e papéis caros.

Naturalmente, o arrumador terá o destino de todos os gênios incompreendidos, será julgado, condenado e perderá o emprego. Mas se a justiça fosse, pelo menos essa, menos burocrática e menos fóssil, essa ignorância deveria ser absolvida e elogiada. Porque ele, embora durante anos tenha sido apresentado queixa contra a burocracia, enquanto os estudos e comissões para a reforma das administrações públicas continuam, enquanto cada ministro que deseja atuar como modelo e pedir alguma aprovação da imprensa e do público, ele se apressa para iniciar seu governo com a promessa de reduzir a burocracia, em seguida, permitindo-se, inevitavelmente, a ser arrastado pelo costume, as engrenagens da gigantesca e máquina inexorável para, por si mesmo, que mais humilde *Travet*, ^[9] tem apontado o cofre, caminho rápido de libertar-se das montanhas de papel sob as quais os homens do século XX lamentavam, tentando em vão mudar de lugar para encontrar descanso.

Pense em qual libertação, se um incêndio gigantesco devorasse todas as *práticas* empilhadas em milhares e milhares de mesas e prateleiras, e quão feliz a dança da emancipação dançaria ao redor do fogo aqueles milhares de *travessuras*, agressores e vítimas juntos. Porque, na realidade, eles são os mais infelizes dos infelizes, que precisam lidar com as administrações públicas, são eles que devem adiar, tratar e inflar a *prática*. Eles são forçados a um trabalho que se sabe noventa por cento perfeitamente inútil, a escrever cartas que sabem que não serão levadas a sério pelos escritórios competentes, a pedir fórmulas estereotipadas por respostas que já são conhecidas palavra por palavra, e todas simplesmente porque a *prática* deve ser ensinada, porque o chefe de divisão, o chefe de seção, o diretor do escritório, o diretor adjunto do escritório, o diretor do grupo poderiam avisá-lo se, por acaso, ele percebesse que não havia sido a escrupulosamente respeitada circular 12501 de 1898, a ordem de serviço, etc., e manter alguém naquela tortura idiota e idiota a vida toda é um castigo que Dante poderia infligir sobre aqueles que mataram seu

pai! E não há nada a fazer. Toda rebelião é inútil; você precisa se curvar e obedecer, e ficar calado, mesmo que um gerente de escritório dedique seu dia a dividir a correspondência e prepará-la em várias pastas para as diferentes assinaturas dos diferentes superiores, preocupada se ele escreveu as fórmulas sacramentais de acordo com os bons regulamentos. " Em estima" ou "com observância", preocupado em não se enganar em colocar os selos sob os quais os superiores assinarão; mesmo que um funcionário de alto escalão gaste seu tempo, apesar do fato de os cidadãos lhe pagarem bem, para mudar uma sentença de letra após sentença, palavra após palavra, talvez apenas para demonstrar que sabe escrever, mesmo que incentive as horas tediosas e intermináveis. O funcionário do escritório conta a um colega sobre a história do selo... Você não conhece a história do selo?...

Era uma vez o diretor de um grande escritório de uma grande empresa estatal. Aconteceu que ele foi promovido a um lugar diferente. Enquanto o *movimento gros-capot* em que ele havia sido incluído estava se desenvolvendo, ele teve que ficar por alguns meses em seu antigo escritório. Mas ele já havia recebido o novo cargo, e você acha que ele poderia continuar a se contentar com o antigo título? Que vergonha! E sua dignidade e sua autoridade? Ele então tinha cinquenta novos selos fabricados e distribuídos aos funcionários dos escritórios dependentes, de modo que em todas as cartas não era mais carimbado: "O diretor da divisão", mas: "O diretor do regente distrital de primeiro grau de a divisão". Naturalmente, na chegada de seu sucessor, os novos selos foram retirados e devolvidos aos antigos, mas, enquanto isso, o Estado já havia gasto algumas centenas de liras!

E você ainda está esperando uma renovação da burocracia? Não resta nada além do fogo, da fogueira, da revolução... E quem sabe o que mais?!

3 de abril de 1918

Burocratas

Uma das doenças mais graves da sociedade italiana contemporânea é a absoluta falta de consciência dos funcionários empregados nas administrações públicas. Os noventa por cento dos infortúnios que caem todos os dias em nosso país infeliz são devidos exclusivamente a funcionários administrativos, que não cumprem seus deveres, que não têm senso de responsabilidade, que fizeram do Estado um tipo de país de La Abundancia, onde altos salários não custam mais do que alguns calos nos proprietários e algumas assinaturas no final dos papéis que eles nem lêem. Os burocratas têm a mesma mentalidade que o camponês que acredita que um dos melhores dias de sua vida é aquele em que ele conseguiu introduzir uma galinha ou um pedaço de salame na cidade sem pagar impostos; a mesma mentalidade antissocial daqueles que tentam evitar pagar de qualquer maneira o bilhete de bonde, ou melhor ainda, o bilhete para uma longa viagem de trem.

Mentalidade puramente anti-social, egoísmo que nada mais é do que animalidade, que tenta evitar carregar qualquer peso, que evita qualquer esforço da cadeia social que deve ser assumido por todos.

Os funcionários públicos, em sua grande maioria, foram contratados para seu trabalho, não por méritos intrínsecos, por comprovada técnica e inteligência, mas por decepção, por impulso maçônico, por compaixão; certamente, por compaixão: muitos concebem a administração pública não como o mais delicado, talvez, e importante dos órgãos da vida social, mas como um refúgio para os deficientes, para os idiotas, para os que não têm energia, para os que na luta pela vida não conseguiriam ganhar um pedaço de pão e uma cama limpa já coberta. A vida social sofre, a coexistência civil afia seus contrastes, o trabalho útil deve compartilhar seus frutos entre um grupo de pessoas sem utilidade, causando danos e dispersão da riqueza. Não importa. Os funcionários constituíam uma espécie de Estado dentro do Estado; oprimem os cidadãos com a tirania de sua incompetência inatingível, impessoal e irresponsável.

Os leitores não ficarão surpresos se escrevermos esse prefácio para finalmente falar de censura. As funções da censura são o expoente máximo do gênero. Contratados sem a sombra de uma demonstração de sua capacidade, de acordo com critérios empíricos de bem-estar social, tornaram-se vampiros da vida nacional, tentando otimizar as fontes de inteligência, seriedade e responsabilidade.

O trabalho que os censores realizam parece querer concordar com aqueles que sustentam a velha máxima dos subversivos republicanos: quanto pior, melhor. Os mais temperados, vendo o nível de barbárie intelectual que a ignorância, a ausência de critérios, o obscurantismo, a irresponsabilidade tola e sorridente dos censores conduzem, sentem um tremor de indignação, um tremor terrível pelo futuro do espírito humano. e, mais facilmente, abre seu espírito à aceitação de resoluções extremas.

Quem sente respeito pela produção, pelo trabalho, quem quer que seja e quem quer que seja, entende esse estado de espírito. É um sentimento revoltante de náusea, um cansaço moral que faz tudo parecer perdido e sombrio. Se os poucos funcionários da ordem, que têm especificamente o dever de responsabilidade e seriedade, não sentem esse dever e obedecem apenas ao capricho, ao desejo de evitar esforços ou, às paixões mais baixas, como você pode têm o poder da persuasão para induzir muitos a disciplinar, acalmar, obedecer, raciocinar e combater a inconstância impulsiva, os caprichos, o senso de irresponsabilidade que algum desses muitos pode manifestar? Aqueles que concebem a vida como uma luta serena pela verdade e pelo bem universal, como um dever imanente em todo ato de dominar paixões e impulsos - de modo que a realidade não efêmera, mas com as características eternas e incontroláveis da historicidade, afirmam e fluem - eles sempre são vítimas do desânimo e precisam fazer um esforço enorme para evitar serem arrastados para o turbilhão de irritação impulsiva, de paixão irresponsável.

Mas o funcionário não se nega. Acontece sobre tudo e todos, preocupada apenas em não produzir muitos calos nas nádegas e perda de fósforo no cérebro.

É um tipo de força natural e incoerente e falta de inteligência. O censor justifica seu ofício lavando; diz-se que há um jornal que é afetado por seu programa geral: o censor se diverte exalando seu gosto como homem primitivo e desenha desenhos, passa a mão pelas páginas, que custam trabalho e dinheiro, para remover o preto para que o branco faça uma bela foto. Devido a necessidades pictóricas, ele elimina o que havia deixado quinze dias antes, elimina o que havia deixado em outros jornais.

[Ele se diverte, por exemplo, interpretando um dentista e extraíndo todas as palavras "capitalismo" e "capitalista" das linhas. Com um sorriso de superioridade, ele nega que "o comerciante inglês, seguro de si e do sucesso de seus negócios, que naturalmente responde à tradição mercantil secular de seu país, porque as mudanças correm pelas ruas do passado abertas pelos antepassados, transformado em oficial, ele coordena seus soldados na frente do *junker*, que depende do Estado, do poder do Estado germânico, de sua conservação e de seu futuro ». Ele nega que "o oficial não comissionado inglês seja o mesmo jovem britânico que, não vinculado à sua terra natal pelo serviço militar obrigatório, começou muito jovem a viajar pelo mundo em passos largos, sempre em casa, sempre sob a proteção de suas leis, na Europa, na Ásia, na América, na África, na Austrália, e ele está na frente, no campo de batalha, o viajante comercial, o vendedor alemão, conhecido em suas peregrinações, empresário, dirigindo a seu favor e o de sua empresa, o trabalho do passado para densificar o tráfego, estimular a necessidade de bem-estar dos homens ». O censor, idealista como o *manzoniano* de Carducci "que joga quatro duros pelo ensopado", considera enorme que essa guerra seja reivindicada como capitalista não apenas porque o maquinário usado nela só pode ser produzido pelas oficinas ciclópicas da indústria moderna, mas também e principalmente porque os soldados ingleses e alemães são forjados em um ambiente social de luta, resistência, disciplina e sacrifício contínuo que a civilização capitalista causou. A justificativa econômica (no nobre sentido da palavra, porque os soldados não têm interesse pessoal imediato a atingir) não é apreciada pelo censor, cuja mentalidade esmagada e infantilmente jejuosa de toda

educação realista foi esculpida com Ferravilla com seu bom senso popular. na criação de Tecoppa ^[10]: Tecoppa é idealista: machuca a comunidade por não trabalhar e se apropriar do trabalho de outras pessoas, mas tem uma sensibilidade idealista requintada, porque fica irritado com quem fala mal de Garibaldi.

E você não pode defender sua própria liberdade de pensamento, seu próprio trabalho! A notícia mais comum é cruzado para fora: a segunda carta de Lord Lansdowne no *Daily Telegraph* s e publicado em 5 de Março, que em 5 de Março (ver os jornais de Turim alguns dias posteriores) se reuniram em EssexHall o segundo "Lansdowne - Conferência do Trabalho »presidida pelo professor Hirst, o influente economista da escola de livre comércio e cerca de quarenta membros do Parlamento.

Mas por que continuar? Concluamos com uma indicação às autoridades competentes, para que, a fim de obter o mesmo serviço, eles infligam menos ônus aos contribuintes italianos. Há alguns anos, um pequeno grupo de pintores parisienses amarrou um pincel no rabo de um burro e obteve, sem esforço, uma pintura que foi aceita em uma exposição de vanguarda e elogiada como uma obra distinta do futurismo. Entre os censores de *El grito*, existe um ex-pintor (sistema de ataque italiano para contratar funcionários): a ser substituído pela cauda de um burro: os brancos que o lápis azul amarrado à cauda móvel de um burro podem infligir eles não vão nos irritar, entenderemos que com isso queremos conseguir uma simplificação da burocracia, uma economia para os contribuintes. Teremos paciência. Coragem, senhores, algumas liras em milho em vez de centenas de liras em salários. O mesmo serviço e talvez mais inteligente; e em vez de nos fazer engolir fel, nos fará sorrir; Também há uma enorme escassez de sorrisos, por isso não fará mal espalhar um novo jogo no mercado.

Contra a guerra

Os profissionais da guerra [O canto das sirenes]

P. • OU guerras explodindo de uma certa maneira e não de outra? Por que em um ponto e não em outro? Por que eles são defensores de uma guerra de certas classes burguesas e não outras?

Não é fácil responder a essas perguntas. Mas isso não significa que seja absolutamente impossível ou que não seja útil tentar estabelecer os critérios para poder responder pelo menos aproximadamente, e para poder estabelecer posteriormente a linha de ação constante que um partido anti-guerra em geral deve desenvolver para tornar as guerras particularmente impossíveis.

Os socialistas afirmam que as guerras são o resultado de sistemas de privilégios. Como a classe de privilégios de hoje é a burguesia, como o capitalismo é a forma econômica específica que hoje assumiu o privilégio, os socialistas afirmam que a guerra é uma fatalidade burguesa. Mas não é necessário entender a fatalidade no significado alista matemático natural, como uma lei absoluta. Nesse caso, a guerra seria uma realidade diária, as nações capitalistas estariam em permanente conflito entre si. A *fatalidade* deve ser entendida no sentido idealista, como a *interpretação* de uma necessidade, como os *julgamentos* dos homens. O conflito existe eternamente, mas na verdade não é perene; para que seja convertida, é necessária uma iniciativa humana, deve haver alguém que julgue que chegou a hora da

ação, o momento útil para a realização de um novo privilégio ou para impedir que um privilégio adquirido caia em benefício de outros e a guerra começa. E então, exatamente, surgem as perguntas: por que a guerra começou? Por que em um ponto e não em outro? Por que você encontra defensores em algumas classes sociais e não em outras?

Essas perguntas foram feitas a Norman Angell quando ele publicou *A Grande Ilusão*. Norman Angell levantou a questão da guerra de um ponto de vista decidido e perfeitamente lógico. Ele concluiu: a guerra é um fato tão grande que é necessário supor que os homens que a desencadearam têm enormes razões para desencadeá-la e estão realmente convencidos dessas razões. As guerras modernas nascem da necessidade de melhorar os ajustes econômicos para certos capitalismo nacionais: os homens que são componentes desses capitalismo são vítimas de uma grande ilusão: acreditam que as guerras são economicamente rentáveis, que as guerras criam melhores condições de produção e comércio. Demonstro que uma guerra, dada a atual liquidação da produção e do comércio, não pode enriquecer ninguém, não é útil a ninguém, que em uma guerra moderna não pode haver vencedores e perdedores, mas que todos seremos derrotados, é dizer que, para todos, o nível econômico será reduzido, porque o dano de um será inevitavelmente o dano do outro. Revelação, a prova matemática dessa verdade tem que matar a guerra.

Espalhe, espalhe: quando todos estiverem convencidos, a guerra desaparecerá; Quanto mais cedo essa verdade conquistar a maioria dos homens, mais cedo a guerra desaparecerá.

Norman Angell se opôs: mas você realmente acredita que os homens iniciam a guerra por esses enormes motivos? Eles podem servir para *continuar* uma guerra que já começou, para *prolongá-la*, para estabelecer metas. Mas as guerras surgem por tantas e tantas razões que não faz sentido procurar origens imanes, e é impossível descobrir quais são as primeiras razões porque são

sempre novas, sempre diferentes. A verdade é que ninguém sabe por que as guerras eclodem e, portanto, elas devem ser consideradas como um legado da sociedade humana, e os homens devem tentar fazê-lo, quando forçados a fazê-lo, da melhor e mais honrosa maneira. e lucrativo para as nações a que pertencem.

Mas quem faz essas objeções não é um oponente da guerra. Para os socialistas, o problema não está definitivamente concluído nesses termos.

É verdade que as guerras não são iniciadas por razões logicamente adequadas ao fato de que está prestes a começar; e é verdade que essas razões, esses estímulos são tantos que é difícil enquadrá-los em um padrão final e definitivo. Isso é verdade porque muito poucos são os homens que realmente se importam com o que está acontecendo ao seu redor, que se preocupam em não permitir que os nós se agrupem, o que exigirá a intervenção da espada para cortá-los e de fato provocar guerra. que é inerente à sociedade de hoje. Porque muito poucos homens se esforçam para entender todos os recursos malignos complicados da sociedade à qual pertencem; Existem muito poucos que pretendem transformá-lo concretamente, que pretendem - na esperança de poder substituí-lo - confiná-lo na rede de controle intensivo para impedir que a maldição latente se torne cruel demais.

Porque há quem trabalhe *sempre, continuamente*, para iniciar guerras. Porque há aqueles que constantemente lançam faíscas no combustível, trabalham entre os homens, levantam dúvidas e espalham pânico. Porque existem profissionais da guerra, porque existem aqueles que vencem com a guerra, apesar de coletivos, os coletivos nacionais não recebem nada além de luta e ruína.

Semeadores de pânico sempre existiram. Profissionais de guerra sempre existiram. Também no mundo antigo. Nas fábulas de Fedro estão seus traços.

Fedro conta que três famílias viviam em um carvalho. Uma águia construiu seu ninho e chocou seus ovos no topo da árvore. Um javali cavou sua toca entre as raízes. Um gato havia encontrado um refúgio seguro nas suas incursões e roubos no meio da árvore. A águia e o javali viviam em paz entre si, criando seus filhos, ignorando um ao outro. O gato subiu até o ninho da águia e falou misteriosamente sobre os desígnios malignos do javali: a árvore estava prestes a cair, o javali estava cavando as raízes, pois queria devorar as águia; O que a águia poderia fazer para salvar seus filhos? Ataque-o primeiro, force o inimigo insidioso a fugir, devore seus filhos, pare o mau trabalho subterrâneo. Então, em pânico, o gato foi ver o javali. Quando ela se viu um animal mais estúpido do que aquele comedor de bolota? A águia tinha colocado seu ninho no dossel de carvalho apenas para esperar o momento certo e seqüestrar os javalis, e não protegê-los, nem tentar fazer o inimigo escapar? No entanto, seria muito fácil: bastaria cavar as raízes, derrubar a árvore e ser o primeiro a destruir a casa e o poder do inimigo implacável. Aconteceu que o javali não se atreveu a sair e deixar sua toca sem vigilância e morreu de fome, e a águia não deixou seu ninho novamente e também morreu de fome. O gato devorou a carniça e por alguns dias não precisou correr pela floresta em busca de presas. Os plantadores de pânico não são uma invenção moderna.

O escândalo de Pachá Bolo ocorreu na França. Bolo havia comprado cinco milhões e meio de ações da *Le Journal*. O *Le Journal* se especializou na campanha por armas e munições: sempre novas fábricas, novas máquinas para produzir mais armas, mais munição. Pasha Bolo era acionista da *Le Rappel*. *Le Rappel* é o órgão do comitê que apóia a necessidade da França de

anexar o território alemão deste lado da margem esquerda do Reno. Jornais publicam que Bolo estava associado nos Estados Unidos ao Capitão Tauscher, diretor de publicidade da casa Krupp.. Quem se lembra dos artigos nos jornais ingleses, remanescentes do panfleto do sindicalista francês Delaisi, publicado antes de 1914, em que documentavam as relações comerciais entre as casas de Krupp, Creusot, Putiloff, Armstrong, fabricantes de armas, respectivamente, em Alemanha, França, Rússia e Inglaterra? Quem se lembra da documentação do trabalho dos plantadores de pânico contratados por essas casas? Quem lembra que foi na França, na Alemanha, na Rússia, na Inglaterra, onde você pode encontrar jornais complacentes que publicavam notícias sensacionais de projetos de guerra, novas armas, tentativas maliciosas de nações adversárias? Em um determinado jornal inglês, meia dúzia de vezes, entre 1913 e 1914, parecia que as aeronaves misteriosas haviam sido avistadas nas cidades do leste. Cada vez que as notícias eram seguidas de furiosas campanhas por alguns outros jornais para pressionar o governo a investir em maior cautela defensiva. Cada vez era possível demonstrar que as notícias das aeronaves avistadas eram completamente falsas. Mas quantos acreditaram na negação? Na Alemanha, as mesmas notícias sensacionais se espalharam contra os britânicos. Em 4 de agosto de 1914, os alemães estavam convencidos de que os franceses haviam bombardeado Nuremberg, e o governo alemão poderia começar a guerra sem encontrar muitos obstáculos na cidade.

O semeador está em pânico e continua seu trabalho. Pasha Bolo, o patrocinador do *Le Journal* e *Le Rappel*, é o preso hoje. Ontem foi Vittorio Cuttin, o popular escritor de 420, ^[1] do «Cigarette», acusador do camarada Todeschini [o defensor dos direitos italianos sobre toda a Dalmácia, da guerra total contra a Áustria, para que todo o Adriático seja Mar italiano, para que os croatas e iugoslavos sejam expulsos dos territórios que Deus designou à pátria]. As forças internacionais, que têm interesse em continuar o

estado latente de guerra, continuam com a propaganda da vigília. Naturalmente, eles apóiam apenas aqueles que pregam o ódio entre os povos, aqueles que hoje criam novos tipos de guerras para o futuro.

Portanto, a aversão à guerra em geral não é suficiente. Requer controle constante sobre as forças do mal que tendem a iniciar guerras, a lançar as sementes das guerras futuras.

Duas são as tarefas dos socialistas. Fortalecer cada vez mais o próprio movimento para substituir a burguesia, para tornar impossível qualquer guerra.

Enquanto isso, é necessário controlar assiduamente as classes burguesas que criam as horas atuais, que *consideram* necessária a guerra em determinados momentos. A segunda tarefa inclui a primeira: não basta ser contra a guerra em geral, pois não basta se declarar socialista em geral. Devemos tentar evitar guerras em primeiro lugar, frustrando todos os truques, frustrando as maquinações de semeadores de pânico, assalariados na indústria da guerra, assalariados em indústrias que exigem proteção alfandegária da guerra econômica. Porque, embora seja necessário que a guerra comece em um determinado momento, devemos impedir que esse momento chegue.

Muitas sereias cantam as canções falaciosas da desgraça. Devemos educar o proletariado, mas também devemos amordaçar as sereias. Poucos são os Ulisses que tomam precauções, que foram amarrados ao mastro do navio, que depois de sua tripulação cobrir seus ouvidos com cera, passam pela cordilheira sem afundar no abismo. Mas as sirenes também são poucas: homens de bom farão de amordaçar. Até que o proletariado não inclua todas as pessoas e não seja imunizado, é necessário pensar pelo menos em lançar na sociedade burguesa a rede de seu próprio controle, aprisioná-la, impossibilitar outra perda tão grande de vidas e dinheiro.

10 de outubro de 1917

Mentira e resignação [A guerra e o futuro]

[Léon Werth lembra no *Journal du Peuple* que Renan se perguntava se seus biógrafos, depois de alguns séculos, poderiam discernir a verdade da falsidade no acúmulo de lendas que os clérigos haviam circulado sobre ele após a publicação de *Life Jesus* e acrescentou: «Se, em vez de avançar, as críticas se tornassem estúpidas, eu estaria perdido. Mas se a humanidade está destinada ao cretinismo, não me importo mais com sua consideração... ».

A pergunta que Renan fez sobre a história e a lenda de Renan, Léon Werth nos mesmos termos sobre a história e a lenda da guerra. Qual será a sabedoria da crítica? e mais simplesmente: a sabedoria dos homens? A humanidade persevera no cretinismo? Houve uma epidemia de cartões postais representando um porco com casco pontudo, soldados alemães com cabeça de burro e Gretchen loira com cabeça de ganso. Símbolos de propaganda delicada, dignamente expressos na cromolitografia ignóbil. Essas imagens patrióticas são acompanhadas de cartões postais sentimentais, nos quais os amantes cromolitográficos e românticos se abraçam sob a luz da lua e sugerem que desejam compensar o tempo perdido.

Apesar de algumas diferenças nas nuances, essas imagens são mais ou menos semelhantes às idéias e sentimentos do nacionalismo e nacionalistas; dos homens que, do novo gênero Daffodils, sem vida própria e sem entender o significado do país, tentam se admirar no grupo humano ao qual pertencem e se confundem com a nação.

Não é difícil imaginar como esses sentimentos favorecem falsidades diplomáticas, ficções financeiras e realidades, os velhos costumes dinásticos disfarçados sob o vocabulário democrático e revolucionário. Esses sentimentos confusos explicam bem como tantos rebanhos de seres humanos podem ser lançados contra outros rebanhos de seres humanos. Mas eles não explicam como os homens se unem, embora pareçam diferentes do rebanho. Havia revolucionários que acreditavam

que iam matar a guerra; havia homens do antigo regime que acreditavam em uma lei moral da guerra. E o historiador do futuro poderá, sem muita sabedoria, redescobrir os sentimentos do rebanho e os sentimentos desses homens.

Mas será capaz de reconstruir o atual período de guerra? Quais documentos o levarão à verdade? Ele terá senso crítico e educação suficientes para discernir o falso? Que a guerra estivesse escondida em um país e que outro país estivesse armado para matá-la era uma ilusão, mas isso explica, por um certo tempo, o impulso e o consentimento dos homens. E para os nacionalistas (não os teóricos, mas a multidão de nacionalismos mais ou menos impulsivos, mais ou menos fundamentados) a guerra não precisa de mais explicações do que a guerra. É a supuração natural de todas as falsidades, de todas as abstrações personificadas, com as quais todo o nacionalismo é forjado. Por outro lado, nos primeiros meses da catástrofe, parecia que a doutrina nacionalista estava adaptada ao estado de guerra. Acreditava-se uma guerra feroz, mas curta. Os homens se resignaram a não pensar e deve-se admitir que essa demissão foi difícil para muitos. Os sofismas do patriotismo revolucionário eram tão poderosos quanto os sofismas do patriotismo ortodoxo. A guerra, para alguns, criou a necessidade de salvação pública, e para outros, saúde pública, as demandas do estado de guerra foram confundidas com a salvação da liberdade e de todas as grandes esperanças dos povos...

Mas eis que a guerra, estabilizada, consumiu e destruiu as ficções que nos fazem entrar em guerra e alimentá-la. Os guerreiros pacifistas de 1914 não previram isso. Alguns partiram, como os heróis das lendas, para matar o dragão, a hidra, o monstro. Eles não imaginavam que seu sacrifício alimentaria a guerra como obediência pura e simples e que um dia a guerra continuaria, despida de sentimentos humanos, paixões e ódios, e reduzida à ação automática.

Que crítico astuto do futuro revelará esse automatismo da guerra? Onde você encontrará o testemunho e as pistas?

E não se diga que é uma fadiga natural. Parece que os homens finalmente percebem a futilidade da morte. Ao mesmo tempo em que os charlatões, como é seu costume, falam da maneira mais detalhada do princípio da nacionalidade ou do começo ou da nação, parece que os homens assistem com medo ao desaparecimento de suas falsidades e finalmente contemplam a guerra. em seu verdadeiro pedestal.

Jaurès foi morto, Liebknecht foi preso. Eles não tiveram permissão para arrancar o enfeites da mentira. Mas o ouro cai igualmente, um por um. Esses quartéis do recinto da feira vêm à mente onde, através de um conjunto de espelhos, através da roupa de uma pessoa, seu esqueleto aparece.]

3 de novembro de 1917

Precisamos mudar a nós mesmos-

os outros

[Leituras]

Tenho aqui sobre a mesa algumas publicações muito recentes. Eu vejo outros anunciados. Recebi duas ou três circulares anunciando o lançamento de jornais que abordarão os problemas relacionados à ação complexa que o proletariado deve adotar para alcançar seus objetivos imediatos ou finais. Falo com colegas, com amigos, com pessoas afins. Eu ouço algo diferente de todos. Novas necessidades surgiram e o pensamento é estimulado. A realidade do meio ambiente agora é vista sob novos pontos de vista. Todos estão inquietos e, ao todo, há um tumulto de intenções vagas e incertas que são expressas em termos gerais, que não conseguem solidificar.

Por que esconder isso? Eu também participo dessa preocupação, dessa incerteza. Eu tento restringir os estímulos, para não me deixar submergir na onda de novas impressões que chamam o limiar da consciência e querem ser aceitas e querem ser examinadas.

Três anos de guerra trouxeram algumas mudanças ao mundo. Mas talvez essa seja a maior de todas as modificações:

três anos de guerra tornaram *o mundo sensível*. Nós *sentimos* o mundo; primeiro *pensamos* apenas. Sentimos o nosso pequeno mundo, éramos parceiros nos sofrimentos, nas esperanças, nas vontades, nos interesses do mundo pequeno no qual estávamos mais diretamente imersos. Só nos soldamos à comunidade em geral com um esforço de pensamento, com um enorme esforço de abstração. Agora a solda se tornou mais íntima. Vemos claramente o que antes era incerto e vago. Vemos homens, multidões de homens, onde ontem vimos estados representativos ou indivíduos únicos.

A universalidade do pensamento se materializou, ou pelo menos tende a se materializar. Algo necessariamente cai em nós e nos outros. Um novo clima moral se formou: tudo é móvel, instável, fluido. Mas as necessidades do momento são urgentes e, portanto, o fluido tende a estagnar, o que não passa de uma aventura espiritual que deseja se tornar definitiva. O estímulo ao pensamento é apresentado como pensamento bonito e perfeito. O que é apenas inconstância é apresentado como uma vontade clara e concreta. E o caos nasce, a confusão de idiomas e as propostas mais loucas se cruzam com a verdade mais brilhante.

Assim, fertilizamos nossa leveza de ontem, nossa superficialidade de ontem. Acostume-se a pensar, feliz com a vida cotidiana, hoje estamos desarmados diante da tempestade. Tínhamos mecanizado a vida, havíamos mecanizado a nós mesmos. Ficamos satisfeitos com pouco: a conquista de uma pequena verdade nos encheu de tanta alegria como se tivéssemos conquistado toda a verdade. Evitamos o esforço, parecia-nos inútil resolver as hipóteses distantes, mesmo que temporariamente. Nós éramos místicos inconscientes. Ou demos muita importância à realidade do momento, aos fatos, ou não a demos. Ou éramos abstratos por causa de um fato, da realidade, vivemos a vida inteira, hipnotizando a nós mesmos, ou éramos porque totalmente carecíamos de sentido histórico e não vimos que o futuro tem suas raízes no presente e no passado, e os homens, os Os julgamentos dos homens podem pular, devem pular, mas não importam, a realidade econômica e moral.

Quanto maior é o dever atual de adotar uma ordem em nós. O mundo se aproximou de nós, mecanicamente, devido a impulsos e forças que eram estranhas a nós. Sem saber, muitos vêem a salvação em nós. Fomos os únicos a preparar um futuro diferente, melhor que o presente. Toda a desilusão, mas especialmente toda a enorme multidão que três anos de guerra trouxeram à luz da história, fez nascer um interesse na vida coletiva, esperando por nós a salvação, a nova ordem. Uma enorme crise espiritual foi desencadeada. Necessidades sem precedentes surgiram naqueles que até ontem não ouviram falar de outras necessidades além de viver e se alimentar. E isso é precisamente no momento da história - como de fato deveria ter acontecido - em que ocorreu a maior destruição de bens registrados na história, daqueles bens que por si só podem satisfazer a maioria dessas necessidades.

Novas publicações, novas revistas, eu não ligo, elas não podem me dar nenhuma das satisfações que eu procuro. O que, além disso, não é uma razão para se desesperar. Devo procurar as satisfações em mim mesmo, na parte mais íntima da minha consciência, onde apenas todas as divergências podem ser compensadas, todos os problemas causados por estímulos externos. Esses livros são para mim nada mais que estímulos, oportunidades de pensar, de me investigar, de redescobrir em mim as profundas razões de meu ser, de minha participação na vida do mundo. Essas leituras me convencem mais uma vez que os socialistas ainda têm um grande trabalho a fazer: trabalho de internalização, trabalho de intensificação da vida moral.

Toda uma campanha fechada para a revisão das fórmulas, dos programas adotados até agora, está ameaçada. Este revisionismo não é necessário. Os erros que podem ter sido cometidos, o mal que não pode ser evitado, não são devidos a fórmulas ou programas. O erro, o mal, estava em nós, estava em nosso diletantismo, na leveza de nossa vida, estava na tradição política geral, de cuja perversão também participamos sem conhecê-lo. As fórmulas, os programas eram externos, eram inanimados para muitos; eles não os viviam com intensidade, com fervor, não vibravam em todos os atos de

nossa vida, em todos os momentos de nossos pensamentos. Alterar as fórmulas não significa nada. É necessário que mudemos a nós mesmos, que mudemos o método de nossa ação. Somos envenenados por uma educação reformista que destruiu o pensamento, que atolou o pensamento, o julgamento contingente e ocasional, o pensamento eterno, que se renova constantemente apesar de permanecer inalterado. Somos revolucionários em ação, enquanto somos reformistas em pensamento: agimos bem e raciocinamos mal. Avançamos pela intuição, e não pelo raciocínio; e isso leva à instabilidade contínua, à insatisfação permanente: somos temperamentos e não personagens. Nunca sabemos o que nossos colegas farão amanhã; não estamos acostumados a pensar concretamente, e é por isso que não sabemos como estabelecer o que fazer amanhã, e se não o conhecemos por nós mesmos, não o conhecemos para os outros, que são companheiros de luta, que devem coordenar seus esforços com nossos esforços..

Na vida complexa do movimento proletário, um órgão está ausente, sentimos que ele está ausente.

Deveria haver, ao lado do jornal, nas organizações econômicas, no partido político, um órgão de controle desinteressado, que era um fermento perene de nova vida, de novas pesquisas, que favoreceram, aprofundaram e coordenaram os debates, independentemente de qualquer contingência política e econômica.

No curso desses relacionamentos de leituras feitas, essas necessidades que eu sinto, que muitos outros sentem comigo, se materializarão e, com a ajuda de colegas de boa vontade, uma solução será reconhecida e um caminho a seguir será indicado.

APÊNDICE

Uma lei liberticida

Intervenção na Câmara de Maçonaria e Associação Livre ^[12]

P

RESIDENTE: O honorável Gramsci tem o poder de falar.

GRAMSCI: O projeto de lei contra sociedades secretas ^[13] foi apresentado à Câmara como um projeto de lei contra a Maçonaria; que é o primeiro ato real de fascismo a afirmar o que o partido fascista chama de revolução. [...]

O fascismo, então, hoje praticamente afirma que quer "conquistar o Estado". O que significa essa frase que já se tornou um clichê? E qual é o significado da luta contra a Maçonaria nesse sentido? [...]

Maçonaria, dada a maneira pela qual a Itália se formou em unidade, dada a fraqueza inicial da burguesia capitalista italiana, a Maçonaria tem sido o único partido real e eficiente que a classe burguesa tem há muito tempo. [...]

E como a Maçonaria na Itália representou a ideologia e organização da verdadeira classe burguesa capitalista, quem é contra a Maçonaria é contra o liberalismo e contra a tradição política da burguesia italiana. As classes rurais, representadas no passado pelo Vaticano, agora são representadas principalmente pelo fascismo; é lógico, portanto, que o fascismo tenha substituído o Vaticano e os jesuítas em sua tarefa histórica, pelo que as classes mais atrasadas da população colocam sob seu controle a classe que foi decisiva no desenvolvimento da civilização; Este é o significado da unidade espiritual alcançada da nação italiana, que teria sido um fenômeno de progresso há cinquenta anos, e que hoje é o maior fenômeno de regressão...

A burguesia industrial não conseguiu parar o movimento trabalhista. Foi incapaz de controlar o movimento trabalhista ou os revolucionários rurais. O primeiro slogan instintivo e espontâneo do fascismo, após a ocupação das fábricas, foi o seguinte: "Os camponeses controlarão a burguesia urbana, que não sabe ser forte contra os trabalhadores".

Se não me engano, então, honorável Mussolini, essa não foi sua tese, e entre o fascismo rural e o fascismo urbano, você alegou preferir o fascismo urbano... (Interrupções).

MUSSOLINI: Devo interromper para lembrá-lo do meu artigo altamente elogiado sobre o fascismo rural de 1921-1922.

GRAMSCI: Mas este não é um fenômeno puramente italiano, embora na Itália, devido à maior fraqueza do capitalismo, o maior desenvolvimento tenha existido [...].

O problema, portanto, é o seguinte: A situação do capitalismo na Itália foi fortalecida ou enfraquecida após a guerra, com o fascismo? Quais eram as fraquezas da burguesia capitalista italiana antes da guerra, fraquezas que levaram à criação desse sistema político maçônico específico que existia na Itália, que teve seu maior desenvolvimento no *giolittismo*? ^[14] As maiores fraquezas da vida nacional italiana foram, em primeiro lugar, a falta de matérias-primas, ou seja, a incapacidade da burguesia de criar uma indústria na Itália que tivesse raízes profundas no país e pudesse se desenvolver progressivamente, absorvendo trabalho excessivo. Em segundo lugar, a falta de colônias ligadas à pátria-mãe, impossibilitando a burguesia de criar uma aristocracia operária que pudesse ser aliada permanente da própria burguesia. Em terceiro lugar, a questão do sul, isto é, a questão dos camponeses, intimamente ligada ao problema da emigração, que é a prova da incapacidade da burguesia italiana de manter...

(Interrupções).

MUSSOLINI: Os alemães também migraram para o meu país.

GRAMSCI: O significado da emigração em massa de trabalhadores é o seguinte: o sistema capitalista, que é o sistema predominante, não é capaz de fornecer comida, acomodação e roupas à população, e grande parte dessa população é forçada emigrar [...]

[...] Você sempre enxágua a boca com as reivindicações mais infantis de uma suposta superioridade demográfica da Itália sobre outros países; ele sempre diz, por exemplo, que a Itália é demograficamente superior à França. Essa é uma pergunta que apenas as estatísticas podem resolver peremptoriamente, e às vezes eu lido com estatísticas; Agora, uma estatística publicada no período pós-guerra, nunca negada, e que não pode

ser negada, afirma que a Itália pré-guerra, do ponto de vista demográfico, já estava na mesma situação que a França depois da guerra; isso é determinado pelo fato de a emigração alienar uma massa de uma população masculina produtivamente ativa do território nacional, e os relatórios demográficos se tornam catastróficos. No território nacional, idosos, mulheres, crianças, inválidos permanecem, ou seja, a parte da população passiva, que tributa a população trabalhadora mais do que qualquer outro país, inclusive a França.

Essa é a fraqueza fundamental do sistema capitalista italiano, razão pela qual o capitalismo italiano está destinado a desaparecer rapidamente, porque o sistema capitalista mundial não trabalha mais para absorver a emigração italiana, para explorar o trabalho italiano, que nosso capitalismo não pode dominar..

Como os partidos burgueses, os maçons, tentaram resolver esses problemas?

Conhecemos na história recente da Itália dois planos políticos da burguesia para resolver a questão do governo do povo italiano. Tivemos a prática *giolittiana*, o colaboracionismo do socialismo italiano com o *giolitismo*, ou seja, a tentativa de estabelecer uma aliança da burguesia industrial com uma certa aristocracia operária do norte para oprimir, sujeitar a essa formação burguesa-proletária a massa dos camponeses Italianos, especialmente o sul. O programa não foi bem sucedido. [...] Vocês fascistas foram os principais arquitetos do fracasso dessa política, porque nivelaram a aristocracia operária e os camponeses pobres de toda a Itália com a mesma miséria.

Temos o programa que podemos chamar de *Corriere della Sera*, um jornal que representa uma força considerável na política nacional: 800.000 leitores também são um partido.

VOZES: Menos...

MUSSOLINI: Metade! Além disso, os leitores de jornais não contam. Eles nunca fizeram uma revolução. Os leitores de jornais estão regularmente errados!

GRAMSCI: O *Corriere della Sera* não quer fazer a revolução.

Farinacci: Nem *l'Unità* !

GRAMSCI: [...] O *Corriere della Sera* sempre apoiou uma aliança entre industriais do norte e uma certa democracia rural predominantemente meridional do sul com base no livre comércio. Ambas as soluções tendiam essencialmente a dar ao Estado italiano uma base mais ampla que a original, tendiam a desenvolver as "conquistas" do Risorgimento.

Quais são os fascistas que se opõem a essas soluções? Hoje eles se opõem à lei chamada da contra a Maçonaria; Eles dizem que é assim que eles querem conquistar o estado. De fato, o fascismo luta contra a única força eficientemente organizada que a burguesia possui na Itália, para substituí-la na ocupação das posições que o Estado dá a seus funcionários. A "revolução" fascista é apenas a substituição de uma equipe administrativa por outra.

MUSSOLINI: De uma classe para outra, como aconteceu na Rússia, como normalmente acontece em todas as revoluções, como faremos metodicamente! (Aprovações).

GRAMSCI: É apenas a revolução que se baseia em uma nova classe. O fascismo não se baseia em

alguma classe que ainda não estava no poder...

MUSSOLINI: Mas se a maioria dos capitalistas é contra, mas se eu citar você para os grandes capitalistas que votam contra nós, que estão em oposição: os Motta, os Conti...

FARINACCI: E eles subsidiam os jornais subversivos! (Comentários).

MUSSOLINI: Os principais bancos não são fascistas, e você sabe disso!

GRAMSCI: A realidade, então, é que a lei contra a Maçonaria não é primariamente contra a Maçonaria; o fascismo chegará facilmente a um acordo com os maçons.

MUSSOLINI: Os fascistas queimaram as lojas dos maçons antes de fazer a lei! Portanto, não há necessidade de compromissos.

GRAMSCI: Rumo ao fascismo da Maçonaria, intensificando-o, aplica-se à mesma tática aplicada a todos os partidos burgueses não fascistas : a princípio, criou um núcleo fascista nesses partidos; em um segundo período, ele tentou explicar às outras partes as forças que mais lhe convinham, tendo fracassado em obter o monopólio como pretendia...

FARINACCI: E você nos chama a todos?

GRAMSCI: Você não seria estúpido se fosse capaz de resolver os problemas da situação italiana...

MUSSOLINI: Nós vamos resolvê-los. Já resolvemos vários.

GRAMSCI: [...] O que é feito quando um inimigo é forte? Primeiro as pernas são quebradas, depois o compromisso é obtido em condições de evidente superioridade.

MUSSOLINI: Primeiro, suas costelas estão quebradas, depois ele é preso, como você fez na Rússia! Você faz seus prisioneiros, depois os retém e eles servem você! (Comentários).

GRAMSCI: Fazer prisioneiros significa, precisamente, chegar a um compromisso: é por isso que dizemos que, na realidade, a lei foi feita especialmente contra as organizações de trabalhadores. Perguntamos por que, durante vários meses, sem o Partido Comunista ter sido declarado uma organização criminosa, os carabinieri prendem nossos camaradas sempre que reunidos em número de pelo menos três...

MUSSOLINI: Fazemos
o que você faz em

Rússia...

GRAMSCI: Na Rússia, existem leis que são observadas
vadas: você tem suas leis...

MUSSOLINI: Você faz ataques formidáveis. Você os faz muito bem! (Série).

GRAMSCI: Na verdade, o aparato policial italiano [italiano] já considera o Partido

Comunista como uma organização secreta.

MUSSOLINI: Isso não é verdade!

GRAMSCI: Enquanto isso, qualquer pessoa encontrada em uma reunião de três pessoas é presa sem nenhuma acusação específica, apenas por ser comunista, e trancada na prisão.

MUSSOLINI: Mas logo eles são liberados. Quantos estão presos? Nós apenas os pescamos para conhecê-los!

GRAMSCI: É uma forma de perseguição sistemática que antecipa e justifica a aplicação da nova lei. O fascismo adota os mesmos sistemas que o governo Giolitti. Você faz como os guardas giolittianos que prenderam os eleitores da oposição no sul... para encontrá-los.

UMA VOZ: Houve apenas um caso. Você não conhece o sul.

GRAMSCI: Eu sou do sul!

[...]

UMA VOZ: Fale sobre a Maçonaria.

GRAMSCI: Você quer que eu fale sobre a Maçonaria. Mas no título da lei nem sequer menciona a Maçonaria, ela é atribuída apenas às organizações em geral. Na Itália, o capitalismo pôde se desenvolver porque o Estado pressionou as populações camponesas, especialmente no sul [...] Deviam retornar ao sul as centenas de milhões de impostos que a cada ano você extorquia da população do sul.

MUSSOLINI: Você não paga impostos na Rússia!...

UMA VOZ: Na Rússia eles roubam, não pagam impostos!

GRAMSCI: Esta não é a pergunta, caro colega, [...] é o fato de que todo ano o Estado extorque das regiões sul uma soma de impostos que não devolve nenhum

Maneira...

MUSSOLINI: Isso não é verdade.

GRAMSCI: [...] resume que o Estado extorta as populações camponesas do sul para fornecer uma base para o capitalismo no norte da Itália. (Interrupções, comentários.) [...] Vocês fascistas, seu governo fascista, apesar de toda a demagogia de seus discursos, você não superou essa contradição que já era

radical; [...]

Você pode "conquistar o Estado", modificar os códigos, tentar impedir que as organizações existam da maneira que existiam até agora; você não

pode prevalecer sobre as condições objetivas em que é obrigado a se mudar. [...]

MUSSOLINI: O Partido Comunista tem menos membros que o partido fascista italiano!

GRAMSCI: Mas representa a classe trabalhadora.

MUSSOLINI: Não a representa!

FARINACCI: A trai, não a representa.

GRAMSCI: O seu é um consenso obtido com o pau. [...]

Em conclusão: a Maçonaria é a pequena bandeira que serve para passar a mercadoria reacionária antiproletária! [...] (interrupções).

PRESIDENTE: Mas não interrompa! Deixe eles falarem. Você, no entanto, Sr. Gramsci, não falou da lei!

ROSSONI: A lei não é contra organizações!

GRAMSCI: Honorável Rossoni, que é uma subseção da lei contra as organizações. Os trabalhadores e camponeses devem saber que você não conseguirá impedir que o movimento revolucionário se fortaleça e se radicalize. (Interrupções, ruído). Porque isso representa apenas a situação do nosso país hoje... (Interrupções).

PRESIDENTE: Honorável Gramsci, esse conceito foi repetido três ou quatro vezes. Tenha a bondade! Não somos o júri, para o qual a mesma coisa deve ser repetida muitas vezes!

GRAMSCI: Muito pelo contrário, você precisa repeti-lo, ouvir até náuseas.

ANTONIO GRAMSCI (Ales, Cagliari 1891-Roma 1937). Chegando a Turim com uma bolsa do sul da Itália adiada, ele treinou por alguns anos em filologia na universidade, mas durante a Primeira Guerra Mundial dedicou-se exclusivamente ao jornalismo e, principalmente, à política, primeiro nas fileiras do socialismo e, mais tarde, do comunismo. Ele iniciou sua atividade como editor em 1916, no semanário da seção socialista de Turim *Il Grido del Popolo* e em *Avanti!* De 1919 a 1920, ele foi o secretário editorial do semanário *L'Ordine nuovo* e participou do movimento dos conselhos das fábricas de Turim. Em janeiro de 1921, tornou-se um dos co-fundadores do Partido Comunista Italiano, do qual será nomeado Secretário-Geral em 1924. Dois anos antes, ele conheceu sua esposa, Julia Schucht, em uma viagem a Moscou

como representante do partido italiano. no executivo da Internacional Comunista. Eleito membro do Parlamento em abril de 1924, foi preso em novembro de 1926, coincidindo com a proibição de todos os partidos da oposição pelo regime fascista. Ele é condenado pelo Tribunal Especial a vinte anos de prisão. Suas reflexões daqueles anos foram reunidas em seus *cadernos de prisão*. Ele morre alguns dias após ser libertado, após uma longa doença testemunhada em suas *Cartas da prisão*.

Notas

^[1] Quatro e um quarto linhas censuradas. <<

^[2] Vinte e sete linhas censuradas. <<

^[3] Aproximadamente duas linhas censuradas. <<

^[4] Algumas palavras censuradas. <<

^[5] HG Wells, *a história do Sr. Polly*. <<

^[6] O decreto de Sacchi (4 de outubro de 1917), nomeado em homenagem ao guardião, deu a possibilidade às autoridades civis e militares de levar à justiça qualquer um que fosse suspeito de ser antipatriótico. (N. d. R). <<

^[7] Com o escândalo dos resíduos, Gramsci se refere ao contrabando de seda e algodão usado na fabricação de sacos de pólvora para queima. Foi realizada uma investigação a partir de uma denúncia de um deputado republicano em 1918, na qual vários grandes empresários italianos foram envolvidos.

(N. d. R). <<

^[8] De origem hebraica: Geénna, ou Gehena, ou Ge-hinón, ou seja, "Valle de Hinón", usado figurativamente como o nome do local ou estado de punição eterna, ou seja, do inferno. O vale de Hinón era um lugar nos arredores de Jerusalém usado como depósito de crematório e lixo, e onde antigamente havia altares pagãos para celebrar sacrifícios humanos. (N. de T). <<

^[9] *Le Fatiche di Monsu Travet: para uma história do sabor publico na Italia*, de Angelo Varni e Guido Mellis. (N. de T). <<

^[10] Personagem teatral criado por Edoardo Ferravilla no final do século XIX, que reúne todos os tópicos do indivíduo de baixa classe.

(N. de T). <<

^[11] Uma coleção de escritos anti-austriacos e irredentistas. (N. de T). <<

^[12] Texto da palestra proferida em 1 de maio de 1925 na Câmara dos Deputados e reproduzida com o título *Origini e scopi della legge no associazioni segrete no discorso of compagno Gramsci alla Camera*, in *theUnità* («Origens e objetivos da lei sobre associações

secretas no discurso do camarada Gramsci na Câmara, em l'Unità »), II, n. 117, 23 de maio de 1925.

<<

^[13] O projeto de lei, apresentado à Câmara em 12 de janeiro de 1925, sobre a disciplina de associações obrigava todas as associações, entidades e instituições a se comunicar com a autoridade de segurança pública, sempre que necessário., o ato constitutivo, o estatuto, os regulamentos internos e a lista nominativa de encargos sociais, além da lista de parceiros. (N. d. R). <<

^[14] Refere-se a Giovanni Giolitti, estadista, cinco vezes primeiro ministro da Itália. (N. de T). <<